

centro cultural banco do nordeste

# CCBNB

uma proposta arquitetônica

VOLUME I



TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO  
Milena Carvalho de Oliveira



Universidade Federal do Ceará  
Centro de Tecnologia  
Departamento de Arquitetura, Urbanismo e Design  
Curso de Arquitetura e Urbanismo

centro cultural banco do nordeste  
**CCBNB**  
uma proposta arquitetônica

VOLUME I

Trabalho Final de Graduação apresentado como  
requisito para obtenção do título de Arquiteta e Urbanista  
pela Universidade Federal do Ceará

**Milena Carvalho de Oliveira**  
Orientador: Prof. Dr. Romeu Duarte Júnior

Fortaleza  
2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca do Curso de Arquitetura, Urbanismo e Design

---

O48c Oliveira, Milena Carvalho de

Centro Cultural Banco do Nordeste CCBN: uma proposta arquitetônica / Milena Carvalho de Oliveira. – 2013.

nf.105 : il. color., enc. ; xcm

Monografia (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Tecnologia, Departamento de Arquitetura, Urbanismo e Design, Curso de Arquitetura e Urbanismo, 2013. Orientação: Prof. Dr. Romeu Duarte Junior.

1. Centro Cultural Banco do Nordeste – Fortaleza, CE – Projetos e construção. 2. Centros culturais – Fortaleza – Projetos e construções 3. Edifícios – Fortaleza – Projetos e construções. I. Título.

---

CDD 725.8042098131

MILENA CARVALHO DE OLIVEIRA

CENTRO CULTURAL BANCO DO NORDESTE (CCBNB):  
UMA PROPOSTA ARQUITETÔNICA

Trabalho Final de Graduação, submetido à  
Coordenação do Curso de Arquitetura e Urbanismo,  
como parte dos requisitos necessários à obtenção  
do título do Arquiteta e Urbanista, outorgado pela  
Universidade Federal do Ceará e encontra-se  
à disposição dos interessados na biblioteca da  
referida universidade.

Aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Romeu Duarte Júnior  
Orientador

---

Prof. Dr. Ricardo Alexandre Paiva  
Membro da banca examinadora

---

Arq. Ricardo Henrique Muratori de Menezes  
Membro da banca examinadora

# gratidões

No final dessa grande construção que é aprender a arquitetar e da qual levo tantos sentimentos e conhecimentos, agradecer é o mínimo que posso fazer àqueles que dela participaram.

Sou grata à minha família, por serem a minha base. Aos meus avós, paternos e maternos, pelo exemplo de disciplina, força e determinação, valores que agreguei e que foram preciosos ao longo de minha vida. Aos meus pais, por me transmitirem sempre sua nobreza de espírito e me incentivarem a ser alguém melhor, pessoal e profissionalmente. À minha mãe, pela compreensão e bondade; ao meu pai, pela sabedoria e sensatez. Agradeço à minha irmã a parceria e o amor que sempre me dedicou, e ao meu irmão, pela leveza e boa conversa. Às minhas sobrinhas, por tornarem meus fins de semana mais divertidos, principalmente nesse ano de dedicação intensa.

Aos amigos agradeço por doarem seus tijolos para essa construção. Aos amigos não-arquitetos, pela amizade, companheirismo e carinho dedicados. Aos amigos da faculdade (Camila, Nara, Mário, Tina, Marcela, Sara e Rafael), por compartilharem as dificuldades e as conquistas ao longo dessa construção. Às amigas conquistadas no fim dessa trajetória (Natália, Ariadna, Raíza e Fernanda), pelo carinho e parceria estabelecida. Agradeço especialmente à Natália, por compartilhar comigo as angústias dessa etapa; à Lana, pelo afeto, pela cumplicidade e pela disponibilidade em ajudar; à Lucile, pelo companheirismo; à Carol, pela solidariedade e carinho; ao Rafael, por todo o apoio e consideração; à Camila, pela amizade e parceria; à Sara, por ter sido a minha melhor companhia durante esses anos, dividindo sorrisos e lágrimas, noites de sono, projetos e confidências e, acima de tudo, pela amizade fiel e livre que construímos.

A todas as equipes de trabalho das quais participei, agradeço a possibilidade de solidificar meus conhecimentos. À Márcia Sampaio e ao Marcus Lima, agradeço a confiança depositada e a liberdade criativa dada, fatores que me fizeram evoluir muito. À toda equipe Fernandes Atem Arquitetos, com quem convivi diariamente no último ano, sou grata pela preocupação, paciência, aprendizado e apoio. Posso dizer que lá me tornei, além de arquiteta, uma profissional. Agradeço à Juliana Atem pelo exemplo de profissional e pela oportunidade concedida.

Sou imensamente grata ao meu orientador, Prof. Romeu Duarte, que não apenas me guiou pelos melhores caminhos, como foi um grande parceiro durante todo o desenvolvimento desse trabalho. Agradeço as palavras duras e sábias, o entusiasmo, a paciência e as conversas enriquecidas de experiência. Obrigada por ter aceitado esse desafio junto comigo, por me incentivar e por me dar o apoio necessário para que eu chegasse até o final.

Agradeço também, a todos os meus professores, que contribuíram com o mais importante material dessa construção: o conhecimento. Agradeço especialmente à Prof. Margarida, pelo suporte no início dessa pesquisa, e aos professores Ricardo Bezerra, Ricardo Fernandes, Márcia Cavalcante e Paulo Cunha, pela conversas esclarecedoras e pela contribuição nesse trabalho. À Prof. Zilsa, pelo carinho e acolhimento; à Prof. Alexia, pela admiração e por sempre me provocar a ter ideias inovadoras.

A todos os que foram responsáveis pelas peças que faltavam ao final dessa construção, também agradeço. Ao Prof. Tadeu Feitosa, pelas palavras entusiasmadas a respeito das bibliotecas; ao Tibico Brasil, por me receber com tanta gentileza no CCBNB e por ter dado os subsídios para o desenvolvimento desse trabalho; ao Rivônio e Jonatan, da ARQVETRO, por me darem informações importantes para o desenvolvimento do projeto.

“Da cultura como um capricho ao qual podíamos nos entregar nos bons momentos e cortar nos maus, da cultura considerada mera preocupação da elite ou preocupação individual a hoje, quando a cultura está onde deve estar: no verdadeiro centro da construção urbana — porque ela é o coração pulsante da nova cidade.”

Rita Davies



# resumo

Partindo-se de um contexto local, onde os equipamentos culturais sofrem desvalorização e abandono e onde não há novas propostas que contemplem espaços diferenciados nesse sentido, chega-se a proposta de repensar o Centro Cultural Banco do Nordeste, instituição de atuação importante no cenário cultural da cidade. Diante do potencial regenerador dotado pelas instituições culturais, fruto da capacidade que elas possuem de interferir em aspectos econômicos, políticos e sociais, propõe-se fazer essa inserção em um ambiente urbanisticamente desgastado, mas com uma importância ímpar para a cidade: o Centro de Fortaleza. Partindo do estudo dessa vocação reestruturadora e polarizadora desses equipamentos, perpassando pelos seus impactos no meio urbano, analisando outros casos existentes no mundo que tiveram sucesso em sua tentativa e pensando no momento crítico que se encontra o Centro Cultural Banco do Nordeste, chegamos à proposta para a nova sede da instituição. A proposta contempla espaços tradicionais e diferenciados de exposição, e visa à produção, difusão e discussão das artes, de maneira a fortalecer o entrelaçamento entre elas e estimular novas maneiras de fazê-las, cumprindo assim o papel fomentador e formador a que o CCBNB se propõe. A intenção é instalar a instituição num edifício capaz de abrigar a sua efervescência.

**PALAVRAS-CHAVE:** Centro Cultural Banco do Nordeste. Centro cultural. Regeneração urbana. Cultura.

# sumário

<b>1</b>	<b>apresentação</b>	<b>13</b>
	JUSTIFICATIVA	15
<b>2</b>	<b>a cultura e o seu papel na regeneração urbana</b>	<b>19</b>
	A CULTURA COMO FATOR DE DESENVOLVIMENTO E AS POLÍTICAS CULTURAIS	22
	REGENERAÇÃO URBANA	25
	CONCLUSÃO	29
<b>3</b>	<b>os centros culturais e o CCBNB</b>	<b>31</b>
	HISTÓRIA DOS CENTROS CULTURAIS NO MUNDO E NO BRASIL	33
	O QUE SÃO CENTROS CULTURAIS? BREVE CONCEITUAÇÃO	36
	REFERÊNCIAS PROJETAIS	39
	CENTRO CULTURAL BNB	47
<b>4</b>	<b>CCBNB: a proposta arquitetônica</b>	<b>55</b>
	O TERRENO DO PROJETO	57
	LEGISLAÇÃO URBANA	67
	PROGRAMA DE NECESSIDADES	70
	MEMORIAL DESCRITIVO	76
	<b>considerações finais</b>	<b>100</b>
	<b>referências</b>	<b>102</b>



**1**

**apresentação**



O presente trabalho refere-se à consolidação de uma proposta arquitetônica para a sede do Centro Cultural Banco do Nordeste Fortaleza. O equipamento deve localizar-se no Centro da cidade, próximo à sede atual do CCBNB, e tem como principal intenção criar um espaço propício para a realização das atividades artísticas que já são oferecidas hoje e preparado para a expansão dessas atividades com a criação de espaços não existentes no programa atual. Além disso, deve ser um espaço que contemple os princípios que o CCBNB possui, com a proposta principal de ser um espaço democrático, onde o homem tem papel importante de atuação e onde as práticas artísticas e culturais são fomentadas e difundidas. Acima de tudo isso, o CCBNB deve respeitar o fato de fazer parte de uma organização bancária que se dedica a desenvolver a região Nordeste e, portanto, deve ter uma identidade nordestina (não-caricata) imbricada em si. O centro cultural projetado seria, portanto, um edifício pertencente ao Banco do Nordeste do Brasil, que também é responsável por sua manutenção e gestão.

## JUSTIFICATIVA

A proposta do tema de estudo justifica-se na medida em que se configura como uma necessidade real no contexto da cidade atual. Até março de 2013, o Centro Cultural do BNB (CCBNB) ocupava quatro andares do edifício Raul Barbosa, no Centro de Fortaleza, o qual também é sede da Justiça Federal do Ceará (JFCE). Entretanto, com a necessidade de expandir suas atividades, a JFCE comprou a parte correspondente ao CCBNB, de forma a ocupar todo o edifício. O contrato assinado entre ambos previa que até um ano após o negócio fechado, os andares ocupados pelo CCBNB fossem gradualmente desocupados para que fossem realizadas reformas

pela JFCE. O prazo para a desocupação total dos andares do Edifício Raul Barbosa pelo CCBNB, então, encerrou-se. O grande problema é que, no decorrer do ano, houve uma grande polêmica em torno de onde seria a nova sede do CCBNB, após a desocupação do Edifício Raul Barbosa. Houve algumas especulações em torno de terrenos e edifícios que poderiam ser ocupados por esse equipamento (dentre eles: o Parque das Crianças, no Centro; o terreno do hospital psiquiátrico Myra y Lopez, no Benfica; a Estação João Felipe; o terreno do antigo colégio Marista Cearense, no Centro; um terreno na Praia de Iracema, nas imediações do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura), mas nada ficou decidido. Cogitou-se, inclusive, a possibilidade de o CCBNB ficar sem sede própria, tendo a sua programação exercida em outros locais espalhados pela cidade, onde esse órgão atuaria somente como produtor cultural. Por fim, o CCBNB foi instalado no edifício ocupado pelo Centro de Referência do Professor, próximo à Catedral de Fortaleza, reabrindo suas portas no final de setembro de 2013.

Investigando um pouco mais sobre o CCBNB como agente cultural, podemos perceber que ele exerce uma forte atuação e representatividade nesse âmbito, tanto na cidade de Fortaleza, como no estado do Ceará como um todo, sendo um fomentador e incentivador das mais variadas práticas artísticas. A sua programação engloba projetos desde a literatura, a fotografia, as artes plásticas, o audiovisual, o teatro, etc., formando pontes de conhecimento entre os diversos saberes e transformando-se num lugar de encontro de diversos públicos. As suas instalações no edifício Raul Barbosa contavam com dois salões de exposição, biblioteca e teatro multifuncional, as quais já são resultado de reformas feitas no edifício, de forma a contemplar a necessidade do seu programa. Após a mudança para a nova sede, seu programa ficou ainda mais restrito. Com a atuação cada vez maior do CCBNB no cenário local, também se vê que as instalações atuais já não conseguem comportar toda a gama de atividades que o Centro engloba.

Diante do fato que o CCBNB estava num grande impasse quanto ao local da sua nova sede quando este trabalho foi iniciado e visualizando que a sua sede já não satisfazia plenamente a necessidade desse equipamento, surgiu o interesse de se realizar uma proposta arquitetônica para esse edifício. Essa proposta, entretanto, vai um pouco além de ser meramente um equipamento de cultura: ela pretende estabelecer o CCBNB com uma identidade própria, não existente ainda (uma vez que as suas demais sedes, espalhadas pelo Nordeste, também ocupam edifício existentes, que foram adaptados para receber suas atividades). Essa identidade buscada na obra arquitetônica pretende transmitir qual o espírito do CCBNB, criando um simbolismo para ele, de forma a ter a sua marca como agente cultural muito mais forte, fortalecendo a sua atuação e irradiando-a cada vez mais. Além disso, a proposta para a nova sede do CCBNB busca alavancar o processo de regeneração do Centro de Fortaleza, que se configura como uma área degradada da cidade, mas que possui uma imensa simbologia e riqueza histórica, que devem ser preservadas e valorizadas. O CCBNB chega, então, como um elemento polarizador nessa região da cidade, gerando novos usos e um dinamismo saudáveis à área.



# 2

a cultura e o seu papel na  
regeneração urbana





As relações econômicas vigentes em uma sociedade acabam determinando a maneira que as relações sociais acontecem nela. Sendo a produção do espaço urbano um produto social, esse acaba por se configurar como um reflexo direto das oscilações que perpassam o sistema econômico daquela sociedade. Sabendo disso, é fácil notar que a história das cidades modernas se confunde com a própria história do Capitalismo, construindo, produzindo e reconstruindo seus espaços.

Com a crise capitalista na transição dos anos 1960 e 1970, em que o modelo de cidade fordista declinou, abriu-se caminho para um novo modelo de acumulação de capital, baseado na flexibilização econômica e social, o qual provocou mudanças significativas na estrutura das cidades. No novo contexto que se instaura, nascem cidades que amplificam os traços desse novo regime, o qual, segundo Queirós (2007, p.2) seguia tendências que interferiam profundamente na dinâmica urbana, como desindustrialização, terceirização, diversificação das formas urbanas e urbanismo competitivo, suburbanização.

Num contexto de grande instabilidade econômica e forte concorrência que se instaura, após os anos 70, as cidades precisam encontrar maneiras de se reafirmar econômica, social e simbolicamente no contexto mundial como pólo de extração de valor (QUEIRÓS, 2007, p.2), na tentativa de atrair investimentos para si. A busca pela reafirmação vai de encontro à busca por uma identidade, que a faça diferente das demais cidades do mundo, de forma que os seus traços distintivos sejam fatores de rentabilização, apostando, para isso, nos fatores de diferenciação dos contextos urbanos. Todo esse esforço se dá, pois a imagem da cidade ganha uma enorme força na tônica das discussões, que se centravam, cada vez mais, na lógica de transformação do capital simbólico para o capital econômico. Ou seja, quanto mais as cidades forem atrativas cultural e turisticamente, mais serão economicamente bem-sucedidas.

“Cidades estão competindo para atrair turistas globais, o investimento global e a classe criativa global. Para enfrentar essa competição, as cidades grandes e pequenas investem numa identidade coerente e numa política de imagem. E: a cultura é uma ferramenta importante para serem competidoras bem sucedidas.” (HEINRICH, 2008, p.95).

## A CULTURA COMO FATOR DE DESENVOLVIMENTO E AS POLÍTICAS CULTURAIS

A cultura, nos dias de hoje, conquistou um patamar de importância significativa no pensamento das políticas de desenvolvimento social e econômico. Devido ao reconhecimento do seu impacto econômico na vida das cidades e à sua atuação na formação de cidadãos, essa não é vista mais como um luxo ou regalia da elite de uma sociedade, mas sim como “centro da construção urbana – porque ela é o coração pulsante da nova cidade” (DAVIES, 2008, p.71).

### A cultura como fator de desenvolvimento social

“O desenvolvimento social se dá, em primeiro lugar, pela valorização das pessoas que formam essa sociedade, pelo respeito às suas práticas culturais e pelo acesso ao conhecimento. A oportunidade do saber e do fazer cultural devem ser garantidas a todos os cidadãos, independente da classe social ou localização geográfica. Sem esses valores básicos assegurados, de nada vale o discurso da economia como fator de desenvolvimento de uma nação.” (BRANT, [s.d.], p. 9)

“As atividades culturais tem um potencial tremendo para fazer frente a muitos desafios sociais que as cidades enfrentam. Cidades de todas as partes estão preocupadas em criar um propósito comum quando laços tradicionais de etnia, língua, e religião já não são conexões determinantes. Não se trata de como construir cidades, mas como desenvolver os cidadãos”. (DAVIES, 2008, p.76)

Importante não só para a economia de uma região, a cultura vai muito além disso: é preponderante no contexto social. O conhecimento cultural e a participação dos cidadãos nas práticas culturais locais instalam nas pessoas um sentimento de identificação e pertencimento ao lugar, relacionando, de maneira instigante, o cidadão e a comunidade. Falando de maneira mais particular, as atividades culturais são capazes de desenvolver, no indivíduo, habilidades específicas, pensamento criativo, senso de disciplina, cidadania, engajamento na comunidade e cooperação com os demais indivíduos.

Logo, vê-se que a cultura pode ser entendida como fator importante para o desenvolvimento de uma região, uma vez que propicia a transformação de seus habitantes em verdadeiros cidadãos, que participam, engajam-se e cooperam com a sua comunidade, pois há neles um sentimento de identificação e pertencimento ao local.

### **A cultura como fator de desenvolvimento econômico**

Antes de qualquer coisa, as cidades contemporâneas têm investido em políticas públicas de apoio à cultura, pois veem nela um fator importante para a elaboração de uma identidade e uma simbologia, que, transformados em marketing cultural, geram retorno econômico, conforme já citado anteriormente. Esse retorno financeiro pode acontecer de diversas maneiras:

- a) De forma direta, através de recursos gerados pelas próprias atividades culturais, como os equipamentos culturais;
- b) De forma indireta: gastos com hotéis, restaurantes, transporte (tanto dos produtores culturais, como dos consumidores dessas atividades);

- c) Através do mercado de trabalho, pela criação de novos empregos;
- d) Na atração de investimentos para a cidade, pela transformação da imagem da cidade;
- e) No desenvolvimento do turismo cultural e todas as atividades a ele associadas.

Além das formas já citadas, o retorno econômico associado à atividade cultural pode ocorrer de outra maneira: associado ao contexto urbano. Cidades que possuem atividade cultural intensa, atraem pessoas criativas, que gostam de se relacionar e fazer negócios com outras pessoas de pensamento semelhante. Esses indivíduos, também chamados de “trabalhadores do conhecimento”, geralmente, fazem parte da chamada “indústria criativa”, que comporta uma atividade econômica sustentável, criativa, produtiva e ambientalmente sensível.

“Os especialistas econômicos estão finalmente quantificando a correlação significativa entre a esfera criativa de uma cidade e sua competitividade econômica. Richard Florida, um dos mais eméritos pensadores nesse campo, e outros, como Charles Landry, mostraram que quando uma cidade tem uma vida cultural vibrante e criativa e uma sociedade multiétnica e tolerante, ela atrai para trabalhadores do conhecimento.” (DAVIES, 2008, p.72).

Essa indústria é bastante interessante para a lógica econômica local, uma vez que é bastante segura a oscilações econômicas, além de não ser onerada por estruturas hierarquizadas de emprego ou por enormes investimentos em instalações físicas (DAVIES, 2008, p.72), configurando-se como empresas bastante sólidas a flutuações. Essas empresas, compostas por profissionais empreendedores, trazem competitividade às economias locais e “contaminam” o tecido social criativamente (FERREIRA, 2010, p.40).



Figura 01: Bilbao, exemplo de cidade que se desenvolveu, promoveu-se e atraiu pessoas após a instalação de um grande equipamento cultural, o Museu Guggenheim. Fonte: <architour.wordpress.com>. Acesso em: 04 out. 2013.

Diante dos fatores citados, vê-se que a cultura hoje cumpre um papel fundamental nas cidades contemporâneas. A dinâmica dessas cidades tem feito convergir, cada vez mais, economia, políticas urbanas e cultura para o desenvolvimento das cidades, sendo que esse último fator tem se configurado como o elemento central das estratégias políticas de desenvolvimento urbano, com destaque para as estratégias de regeneração urbana de áreas degradadas.

## REGENERAÇÃO URBANA

Os primeiros processos de reabilitação urbana que surgiram, a partir dos anos 50, tinham como foco a destruição para renovação, pois acreditavam que somente assim seria possível sanar os problemas das cidades modernas, como os congestionamentos, por exemplo.

A partir dos anos 70, os processos de reabilitação das cidades passaram a ser menos radicais, colocando como fator de importância a preservação da vizinhança e restauração dos edifícios significativos historicamente. Nesse contexto, os centros históricos das cidades foram valorizados e colocados como elementos essenciais à vida urbana, pois geravam identidade e orgulho cívico.

As transformações econômicas, sociais, tecnológicas e urbanas que ocorreram nas últimas décadas, fizeram com que a cidade contemporânea emergisse e nascesse, com ela, outras estratégias de políticas urbanas, a maioria delas com ênfase nas políticas culturais. A essas novas estratégias denominamos “regeneração urbana”, também sendo chamada de “regeneração cultural”, por estarem sempre associadas, de alguma maneira à cultura.

“Regeneração cultural é o termo que se originou no contexto anglo-saxônico referindo-se à intervenção em áreas consolidadas por meio do planejamento e do projeto urbano com ênfase na cultura”. (VAZ; SILVEIRA, 2006, p.93).

A cultura, então, torna-se o mote para a maioria das intervenções nas cidades. Uma vez assumida a sua importância como elemento-chave nos processos: de planejamento e produção do espaço urbano; de reforço da atratividade urbana de investimentos, no contexto nacional e internacional; de motivação, agilização e legitimação das estratégias de reconfiguração física, identitária e socioeconômica dos espaços urbanos; a interpenetração entre cultura e reabilitação urbana adquire uma maior intensidade.

Em muitos casos, a regeneração urbana é combinada a outra estratégia de requalificação urbana: a reabilitação de ambientes históricos. Assim, pode-se dizer que esse processo se dá de duas formas: reabilitando áreas degradadas, onde as edificações próprias existentes remetem à cultura local; e instalando novos equipamentos culturais nas áreas de intervenção, que funcionam como âncoras culturais do projeto como um todo<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> É importante destacar o importante papel da arquitetura nesse contexto, no sentido de gerar simbologia, já que esses equipamentos, de certa forma, atuam no marketing urbano.

## Centros históricos e a regeneração urbana

A utilização das estratégias de regeneração urbana nos centros históricos é bastante comum, devido à importância dada a essa região da cidade. Os centros históricos, em geral, são zonas simbólicas, pois, além de terem elevada significação histórica, já que ali se encontram os edifícios institucionais que remetem à época da fundação das cidades, são lugares bastante dinâmicos da vida urbana.

Com a geração de outros centros, decorrente da expansão da cidade, o centro histórico acaba se degradando<sup>2</sup>, pois não consegue concorrer com os atrativos das demais centralidades. Diversas estratégias, então, são utilizadas de forma a tentar recuperar essas áreas, uma vez que isso interfere de forma considerável na imagem da cidade, que “ao perpetuar a sua história, cria um espírito de comunidade e pertencimento.” (VARGAS; CASTILHO, 2006, p.5). Atrilando essas intervenções à cultura, os resultados dessas políticas possuem bastante êxito, uma vez que, segundo Coelho (2008, p.66): “Cultura não é apenas filmes e óperas e artes visuais, cultura é também recuperação de zonas urbanas decaídas, [...]”.



Figura 02: Região da Lapa, no RJ. Área urbana de centro histórico que passou por um processo de regeneração urbana feita pela cultura.  
Fonte: <localglobalworld.blogspot.com.br>. Acesso em: 04 out. 2013.

<sup>2</sup> “Os conceitos de deterioração e degradação urbana estão frequentemente associados à perda de sua função, ao dano ou à ruína das estruturas físicas, ou ao rebaixamento do nível do valor das transações econômicas de um determinado lugar.” (VARGAS; CASTILHO, 2006, p.3).



### Vinculação espaço público – espaço cultural

O espaço público conquistou um lugar significativo nos processos de regeneração urbana. Esse espaço, por ser o “palco” da vida pública (sejas nas ruas, esquinas, praças), possui uma ligação íntima com a cultura pública. Essa vocação do espaço público faz com que ele seja extensão das atividades que se irradiam no entorno dos equipamentos culturais construídos. Como há uma grande circulação de pessoas nesses espaços, eles acabam por ser elementos interessantes para os equipamentos culturais, pois agem valorizando as áreas adjacentes das instituições. O papel desses espaços também foi acentuado devido à necessidade de se atribuir visibilidade aos bens históricos, à crescente difusão da arte pública e ao aumento da prática da animação cultural (VAZ; SILVEIRA, 2006, p.94).

### Regeneração urbana e seus aspectos negativos

Apesar dos inúmeros impactos positivos que as políticas culturais possuem quando associadas às políticas urbanas, tanto nos aspectos relativos à cidade, como à sociedade, alguns autores questionam se o papel desempenhado por elas realmente representa um bônus para a cidade, já que processos urbanos negativos podem ocorrer como consequência dessas estratégias de planejamento.

Um desses processos é a gentrificação das áreas reabilitadas. Devido à regeneração dessas áreas, elas acabam por se revalorizar no cenário urbano, se caracterizando como espaços centrais, com boa infra-estrutura e que possuem uma vizinhança vibrante, por conta da proximidade com os equipamentos culturais e com os próprios artistas, fatores esses que acabam por encarecer o valor do solo nessas regiões. Assim, a população que antes habitava esse espaço acaba por ser substituída por outro tipo de vizinhança, normalmente elitizada e com alto poder aquisitivo (DAVIES, 2008, p.74).

Outro processo colocado como resultado da regeneração urbana é a museificação das cidades. A reabilitação das zonas históricas, por vezes, acaba por “mumificar, congelar e simular a vida urbana, [que] aparentando oferecer a máxima diversão, apenas fomentam o consumo e limitam o poder de decisão e a liberdade dos indivíduos” (VALLE, 2008, p.73). Além disso, como é utilizada como marketing urbano, deve-se tentar fazer com que ela não se limite a ser somente um “slogan”, promovendo o real desenvolvimento cultural das comunidades.

Há algumas outras justificativas negativas em torno de processos de regeneração urbana, as quais abordam mais os aspectos econômicos, mas que merecem ser citadas. Sharon Zunkin ([s.d.] apud VALLE, 2008, p.75) afirma que os benefícios econômicos diretos gerados pelas políticas culturais são poucos, que as instituições culturais geram poucas vagas de emprego com salários médio-altos (preferindo trabalhadores temporários ou de tempo parcial) e que a indústria do turismo gerada em torno das atividades artísticas disponibiliza muitas vagas de emprego, entretanto com baixos salários e com pouca possibilidade de progressão na carreira.

## CONCLUSÃO

É indiscutível a importância do papel que a cultura desenvolve nas políticas urbanas das cidades contemporâneas. Constituindo-se como alicerce do “marketing” urbano, ela é vista como uma mais-valia na competitividade pela atração de pessoas e investimentos às cidades, gerando, também, retorno econômico de forma direta e indireta, por meio das suas atividades. Além disso, é fator significativo de desenvolvimento social nas comunidades, formando cidadãos cada vez mais conscientes e participativos, que se identificam com a sua cidade e se reconhecem como parte dela.

Sendo, então, um aliado valioso na produção do espaço urbano, a cultura deve ser utilizada como fator de desenvolvimento, merecendo atenção no seu emprego como política urbana. Essas estratégias não devem seguir os exemplos paradigmáticos, que, muitas vezes não condizem com as expectativas e realidade local, alimentando resultados, por vezes, ambiciosos demais.

Por fim, as estratégias de regeneração cultural devem ser feitas em parceria com as comunidades. Esse diálogo é fundamental, pois é através dele que muitos problemas são detectados e erros evitados, poupando retrocessos. Esse diálogo também fortalece e dá respaldo aos planos realizados, já que se propõe a ouvir as expectativas dos cidadãos, o que, por sua vez, solidifica o plano nas comunidades influenciadas.



# 3

os centros culturais  
e o CCBNB



## HISTÓRIA DOS CENTROS CULTURAIS NO MUNDO E NO BRASIL

Sabendo-se que o termo “cultura” ainda é de difícil conceituação, podemos tentar traduzi-lo através de uma definição de Tylor (1871, apud Milanese, 2003, p.139-140): “[cultura] é todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, lei, moral, costume e quaisquer aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como um membro da sociedade”. A partir disso, é possível entender porque, desde a Antiguidade, é essencial aos homens terem espaços específicos para a reunião das pessoas para a prática de atividades ligadas à cultura e à arte: eles veem nessas práticas um conjunto de registros da identidade da sua comunidade no decorrer da história.

Durante séculos, os espaços culturais passaram por transformações, abrigando necessidades funcionais, espaciais e estéticas condizentes com o período histórico a que pertenciam.

A partir da metade do século XX, esses locais passaram a suprir as necessidades do homem contemporâneo, imerso no mundo da globalização e do consumo em massa, se configurando, portanto, como espaços de produção, difusão e democratização da cultura e da arte. Nesse contexto, a cultura assumiu um papel de importância no contexto das cidades, se configurando como fator de desenvolvimento e de identidade. Em decorrência disso, os edifícios culturais tem ganhado bastante importância na sociedade, fazendo com que, hoje em dia, haja a necessidade de se conceberem espaços específicos de produção e disseminação da cultura e da arte.

Embora os edifícios conhecidos como centros culturais tenham surgido, como programa, somente após a década de 70 (com o surgimento do Centro Cultural George Pompidou, na França), lugares específicos de realização de práticas artísticas e

culturais já existem desde a Antiguidade. O primeiro edifício que pode ser caracterizado como um centro de cultura é a Biblioteca de Alexandria<sup>1</sup>.

Nos períodos históricos que se sucederam, podemos dizer que alguns edifícios culturais ganharam destaque<sup>2</sup>, mas todos existiram e evoluíram isoladamente, cada um cumprindo o seu papel. Somente a partir da década de 70, tem-se a noção de que a imersão no conhecimento, na cultura e na arte pode se dar de diversas maneiras, seja por meio de uma partitura, de imagens ou de um livro. O importante, então, passa a ser o conteúdo que é transversal a todas essas formas de transmitir a informação. Diante dessa lógica, surgiu a ideia de fundir espaços e funções, de forma a conseguir essa interpenetração das artes num só lugar, originando os chamados “centros de cultura”, ou, como conhecemos, centros culturais (RAMOS, 2007, p.4).

### Centros Culturais no Brasil

No Brasil, os centros culturais passaram a existir somente após os anos 80. Entre os pioneiros nesse processo estão o Centro Cultural de São Paulo (Figura 03) e o SESC Pompéia (Figura 04), ambos inaugurados em 1982 – nitidamente influenciados pela instalação do exemplar francês em termos conceituais.

Nos vinte anos que se seguiram após a construção dos primeiros, foi vertiginosa a criação de mais centros culturais espalhados pelo país, provavelmente associada às políticas de incentivo

<sup>1</sup> “A Biblioteca de Alexandria ou ‘museion’, constituía um complexo cultural formado por palácios reais que agregavam diversos tipos de documento com o objetivo de preservar o saber existente na Grécia Antiga nos campos da religião, mitologia, astronomia, filosofia, medicina, zoologia, geografia, etc. O espaço funcionava como um local de estudos junto a um local de culto às divindades e armazenava estátuas, obras de arte, instrumentos cirúrgicos e astronômicos. O complexo também dispunha de um anfiteatro, um observatório, salas de trabalho, refeitório, jardim botânico e zoológico. Os centros culturais contemporâneos significariam, assim, uma retomada destes antigos modelos.” (RAMOS, 2007, p.4).

<sup>2</sup> Podemos citar aqui as bibliotecas nos mosteiros da Idade Média; o teatro, na Europa e nas Américas, século XIX e o cinema, no início do século XX.



Figura 03: Centro Cultural de São Paulo (CCSP). Fonte: <wikipedia.org/wiki/Ficheiro:CCSP\_05.JPG>. Acesso em: 04 out. 2013.



Figura 04: SESC Pompéia. Fonte: <arqfolio.com.br/blog/sesc-pompeia/>. Acesso em: 04 out. 2013

à cultura que proporcionaram mais investimentos nessa área por parte de empresas privadas, concedendo benefícios fiscais.

Essas políticas deram às organizações empresariais (dentre elas as financeiras) a oportunidade de utilizar recursos que seriam destinados ao pagamento de Imposto de Renda para investimento em ações culturais. Assim, diversas instituições aderiram a essa política, utilizando-se dela como marketing cultural, buscando a consolidação de uma imagem de “responsabilidade social” da empresa para com o público, de forma a aumentar sua aceitação no mercado e gerar ainda mais lucros.

As instituições bancárias possuem, nesse processo, um merecido destaque, onde se configuram como grandes investidoras na criação e na gestão de uma marca cultural própria, elaborando e executando os seus próprios projetos culturais. Dentre as primeiras instituições a montarem seus centros culturais, podemos citar o Banco do Brasil, em 1989, com uma sede no Rio de Janeiro (Figura 05). Logo depois, o Banco Santander (2001) (Figura 06) e a Caixa Econômica (2004) (Figura 07) também implantaram seus espaços culturais.





Figura 05: CCBB (RJ).  
Fonte: <1.bp.blogspot.com>. Acesso em: 04 out. 2013.



Figura 06: Santander Cultural (RS). Fonte: <portoalegreemfoco.blogspot.com.br>. Acesso em: 04 out. 2013.



Figura 07: Caixa Cultural (SP). Fonte: <acessibilidadecultural.com.br/caixa-cultural-se/>. Acesso em: 04 out. 2013.

## O QUE SÃO CENTROS CULTURAIS? BREVE CONCEITUAÇÃO

Por serem instituições criadas em tempos bastante recentes da história, o conceito de centro cultural ainda não está completamente definido. Propõe-se, então, comentar alguns pontos (falar sobre suas características, comentar sobre os papéis desempenhados na cidade e na sociedade, sobre os objetivos a que se propõe), a fim de tentar traçar o perfil dessa instituição.

Em sua essência, centros culturais são espaços que agregam múltiplas formas de arte, que até então eram realizadas em lugares específicos separadamente. O maior objetivo desses espaços é tornar a cultura mais acessível aos cidadãos, inserindo-a no estilo de vida globalizado. Sendo assim, os espaços culturais deixaram de ser meramente locais de exibição e guardiões de bens culturais para se tornarem centros produtores e difusores da cultura.

Visualizando essa vocação dos centros culturais, Milanesi (2003, p.172) coloca que esses espaços devem ser regidos por três principais verbos: informar, discutir e criar.

No momento em que o centro se propõe a informar, ele se coloca como um espaço de conhecimento e de educação. Essa informação deve ser difundida livremente e de maneira democrática. Somente através do acesso às informações, os cidadãos podem

se conscientizar do seu papel na sociedade e, a partir daí, podemos construir um processo de desenvolvimento social.

Na medida em que as pessoas tem acesso às informações, essas começam a ser questionadas, iniciando aí os processos de discussão. A discussão não é nada mais que a busca por outras possibilidades, tanto de procurar novas maneiras de resolução de problemas como de explicá-las. O conhecimento pronto e acabado não tem vez, sendo necessária a formação de uma consciência em torno da realidade em que se vive. Milanesi (2003, p.180) descreve essa atividade de debate como sendo de fundamental importância nos centros de cultura, pois dá dinâmica a ele. Essa dinâmica é fruto dos conflitos de ideias que ocorrem, os quais, por sua vez, incitam os indivíduos a buscarem mais informação, gerando um ciclo vicioso bastante saudável.

O terceiro verbo, criar, é o foco principal dos centros de cultura e, na verdade, é a ação que dá sentido aos outros dois já comentados.

“Disseminar e discutir o conhecimento em sequência permanente que leva as pessoas a desvelarem as aparências, desmontar os engodos, fazer a sua própria cabeça, para se chegar a outra etapa de um circuito perpétuo, não esgota a ação cultural. Além da renovação constante dos discursos registrados (livros novos, jornais do dia, filmes...) é necessário que as pessoas, articulando o seu próprio discurso, possam expressá-lo por meio da escrita, da fala, do gesto, das formas, dos sons, e, sempre que possível, registrá-lo.” (MILANESI, 2003, p. 180).

A invenção, portanto, deve ser o objetivo principal dessas instituições, uma vez que para haver a ação cultural, deve existir criatividade. Os estímulos à criação, por sua vez, são delineados a partir da configuração do meio social. Para que isso ocorra, deve haver um diálogo intenso entre vida social e centro cultural, entre a cidade e o centro cultural. Além disso, as atividades culturais não serão realizadas para as pessoas, mas com e por elas.

O indivíduo, então, é o centro de toda essa dinâmica. Milanese (2003, p. 185) coloca que “o centro de Cultura deve atuar como uma antena sensível, captando o que possa interessar a coletividade e transformando os sinais em ações em que o protagonista é o público”.

Torna-se fundamental, portanto, enfatizar:

“o centro cultural como lugar público e político, que serve de ponto de encontro, onde as pessoas podem ir para trocar ideias, debater sobre temas atuais, emergentes e polêmicos. Um espaço onde a liberdade de expressão se faça presente, sem ser tendencioso.” (EDUARDO; CASTELNOU, 2007. p.9).

Outra característica de suma importância é o dinamismo existente nesses espaços culturais, já que é ele quem o diferencia diante das demais instituições. Assim sendo, esse espaço se torna o centro irradiador de ideias e informações, que abrange e possibilita manifestações culturais de diferentes naturezas, trabalhando com todo tipo de suporte físico de informações e atendendo a vários públicos. Resumindo: um espaço democrático onde a liberdade de expressão se faz presente (EDUARDO; CASTELNOU, 2007, p. 9).

A partir do que foi exposto, arriscamos uma conceituação: o centro cultural se coloca como algo muito mais importante na vida urbana atual que um mero lugar de apresentação de espetáculos ou guardião de bens culturais. É um lugar aglutinador de múltiplas formas de arte e elemento disseminador de conhecimento, fomentador de discussões e lugar de criação, que tem por missão, também, ser um lugar de preservação da memória, da cultura e da arte. Sendo um “centro” – seguindo a etimologia da palavra – se configura como o ponto de onde surgem as noções de equidistância, de convergência e de dispersão ou ainda, de irradiação, se caracterizando, portanto como um lugar de convergência e disseminação da cultura e da arte. Além disso,

se propõe a ser um espaço de troca de ideias, público e político, aberto e democrático, onde o dinamismo impera e alimenta. A comunidade é a peça-chave para o seu funcionamento conectado à cidade e a principal beneficiada das suas ações, devendo estabelecer, portanto, uma relação de diálogo com esse espaço, de forma a gerar produtos interessantes, em especial, o desenvolvimento social.

## REFERÊNCIAS PROJETUAIS

### Centro George Pompidou – o pioneiro paradigmático

A França sempre procurou se caracterizar, num contexto mundial, como pólo de expressão artística e cultural, utilizando, inclusive isso como uma marca registrada do país. Isso explica o fato de a cultura ter sido encarada, no último século como o “petróleo” francês, recebendo investimentos e sendo o ponto central de diversas políticas realizadas no país ao longo do século XX.

Como resultado de uma das políticas de ação cultural que permearam o país, podemos citar a regeneração urbana do bairro Marais, em Paris, impulsionada pela criação do Centro Cultural George Pompidou.



Figura 08: Centro Cultural George Pompidou e sua inserção no bairro Marais, em Paris.  
Fonte: <[www.richardrogers.co.uk](http://www.richardrogers.co.uk)>. Acesso em 04 out. 2013



Figura 09: Terreno onde foi construído o Centro Cultural George Pompidou, em 1960, funcionava como estacionamento. Fonte: <mediation.centrepompidou.fr>. Acesso em: 09 out. 2013.

Esse edifício foi idealizado em 1971, quando houve um concurso internacional para a escolha do projeto de arquitetura, no qual Richard Rogers e Renzo Piano saíram vencedores. Em 1975, foi assinada a lei que institui o Centro Cultural George Pompidou (ou, simplesmente, Beaubourg), a qual garantia recursos para o funcionamento e a animação do Centro. Somente em 1977 houve a inauguração da instituição.

Com uma estética bastante peculiar, o edifício foi logo alvo de grandes polêmicas, pois fugia completamente aos traços gerais da paisagem do centro da cidade. A sua imagem foi logo difundida mundo afora, ganhando visibilidade devido à ousadia da obra arquitetônica, fato que foi muito bem utilizado pela França, pois, esse país, por sua vez, impôs um estilo ao mundo. O Pompidou, então, firmou-se como um lugar de provocação, característica própria do trabalho cultural (Figura 10 e 11).

“Como se sabe, contrariando frontalmente o museu templo-da-cultura, Roger e Piano projetaram um edifício desenhado de tal forma que despertasse a curiosidade do público para o que se passa dentro dele. Ocorre que não passa nada, salvo o que se passa em qualquer museu, quase nada. Ou melhor, o seu recheio é convencional mas apresentado na forma de um chamariz publicitário cujo resultado antiaurático é devastador. No fundo um museu que soube multiplicar o ‘efeito televisão’.” (ARANTES, 2000, p. 164).



Figura 10: Fachada principal do Centro Cultural George Pompidou. Fonte: <[www.paris.es/centro-pompidou](http://www.paris.es/centro-pompidou)>. Acesso em: 04 out. 2013



Figura 11: Detalhe da fachada Leste do Centro Cultural George Pompidou. Fonte: <[archidialog.com/tag/pompidou-center/](http://archidialog.com/tag/pompidou-center/)>. Acesso em: 09 out. 2013

Deixando para trás a tradição de austeridade e monumentalidade impenetrável dos edifícios de equipamentos dessa natureza, o Pompidou se coloca em outra posição. Sua arquitetura o apresenta como um monumento convidativo, transparente, amigável e penetrável.

Milanesi (2003, p. 54) destaca alguns aspectos da arquitetura do Centro Cultural George Pompidou que são relevantes para a reflexão dos conceitos dele como objeto de produção e disseminação da cultura e da informação, a saber:

“A construção ‘comunica’, permitindo ao visitante ou usuário envolverem-se com estímulos variados e simultâneos: cada espaço tem um sentido. Tudo é informação e toda informação é mutante: livros, discos, vídeo, telas, esculturas, objetos, a paisagem externa, formam um todo complexo que se inter-relacionam.”

“Na concepção nova do Beaubourg não há passividade de atender à demanda rotineira de rotineiros cidadãos; não há simples oferta dos produtos diversos da inteligência humana identificados como ‘Cultura’, mas no espaço criam-se situações permanentes de debates, de busca de novas formas de expressão e de reflexão. A provocação, o estímulo são frequentes e estão presentes no percurso do visitante.”



Figura 12: Saguão interno, Centro Cultural George Pompidou. Fonte: acervo pessoal da autora.

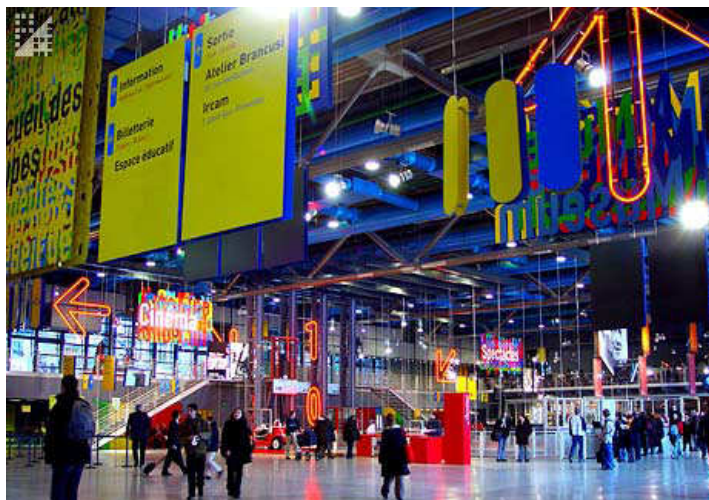


Figura 13: Comunicação visual do espaço interno: a construção 'comunica'. Fonte: <[archdialog.com/tag/pompidou-center/](http://archdialog.com/tag/pompidou-center/)>. Acesso em: 09 out. 2013.

O Beaubourg possui cinco pavimentos (sendo três deles subterrâneos), abrigando, em seu interior, a Biblioteca Pública de Informação, o Museu Nacional de Arte Moderna, o Centro de Criação Industrial, o Instituto de Pesquisa e Coordenação de Som e Música.



Figura 14: Espaço público adjacente ao Pompidou, abrigando exposição de esculturas. Fonte: <[www.laparola.com.br/centro-cultural-georges-pompidou](http://www.laparola.com.br/centro-cultural-georges-pompidou)>. Acesso em: 09 out. 2013.

É importante destacar também a associação entre a construção do Pompidou e a doação de espaços públicos para a cidade de Paris, associados ao equipamento cultural. Esses espaços funcionam como um átrio para o centro cultural e também são lugares de manifestações artísticas (Figuras 14 e 15). Esse fato enriquece o que há do lado de dentro, convida as pessoas a entrar, além de estabelecer uma forte relação entre o interior e o exterior, a qual promove o espraiamento do centro cultural para além dos seus limites físicos.



Figura 15: Praça adjacente ao Pompidou. Fonte: <[arquitetogeek.com/2013/02/05](http://arquitetogeek.com/2013/02/05)>. Acesso em 04 out. 2013

Por abrigar diversos equipamentos de importância para a cena cultural francesa, além de ser um lugar de vida intensa e ininterrupta que semeia, cultiva e produz cultura e arte, o Centro Cultural George Pompidou se destaca, até hoje, como um exemplo paradigmático desse tipo de instituição. Podemos colocar como de suma importância, em todo o processo de consolidação do Beaubourg como referência, a sua arquitetura que, embora ousada para o contexto que a envolve, se coloca como espaço fomentador de ideias e disseminador de informação, além de possuir um grande valor simbólico no contexto urbano de Paris e no contexto mundial.

### Centro Cultural de São Paulo

O Centro Cultural São Paulo foi locado num terreno que originalmente era uma sobra de lote pertencente à Prefeitura Paulista. Noemi Val Penteado, diretora do Departamento de Bibliotecas Públicas do estado de São Paulo, então, reivindicou a Prefeitura a construção de uma biblioteca no terreno, de forma que essa pudesse abrigar os volumes excedentes na, já existente, Biblioteca Mário de Andrade. A prefeitura, então, abriu uma concorrência pública para o desenvolvimento do projeto. A PLAE Arquitetura e Engenharia, sob direção dos arquitetos Eurico Prado Lopes e Luis Telles, ganhou essa concorrência, desenhando uma proposta para a Biblioteca. Entretanto, essa primeira proposta não foi aprovada. Os arquitetos, então, mudaram suas ideias iniciais e conseguiram fazer um projeto que agradasse às autoridades. No meio da obra, decidiu-se que a Biblioteca, na verdade, daria lugar a um centro cultural. Por conta disso alguns espaços tiveram de ser adaptados. Entretanto, como a proposta inicial era construir uma biblioteca multiuso, com um programa mais expandido (segundo os exemplos europeus da época), os ambientes pensados inicialmente já satisfaziam boa parte do que se esperava de um centro cultural, não sendo necessárias grandes alterações na proposta original.



Mesmo assim, a biblioteca continuou a ser o ponto central do projeto. É o ambiente que detém a maior área e que possui uma grande circulação de pessoas.



Figura 16: Vista aérea do CCSP. Fonte: <blog.arthurcasas.com/the-city/bienal-de-arquitetura-em-sp>. Acesso em: 13 out. 2013.



Figura 17: Biblioteca do CCSP. Fonte: acervo pessoal Renata de Moura.

A proposta, então, era criar um espaço que dialogasse com a cidade, sendo continuidade da rua e que pudesse se mimetizar na paisagem. Organizado em torno de uma grande circulação central, que funciona como uma rua interna, na qual as atividades vão sendo distribuídas ao longo, o CCSP busca atrair as pessoas para participar da sua programação em meio a sua caminhada.

“Percorrendo essas ruas internas, o visitante encontra, para diminuir a sensação do comprimento, pólos de atração, como o antigo pátio da biblioteca braille, o teatro da arena, o jardim e o vazio central do volume aflorado (...) sem esquecer as várias outras entradas pela Vergueiro, sendo que a principal, em frente ao jardim, remete ao acesso do Mercado de Pinheiros. Em outras palavras, respondendo ao terreno, que era um resto, um barranco, a equipe criou um lugar de convivência, um espaço fluido que, mantendo a introspecção da escola paulista, foi contaminado pelo ambiente da cidade, pelo espaço público, um edifício sem portas, que pode ser penetrado quase sem querer.” (SERAPIÃO, 2012, p.62).

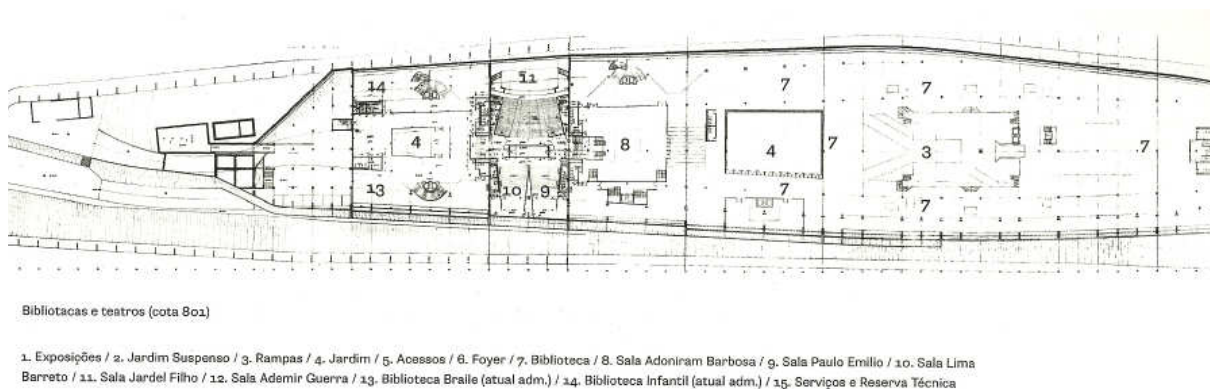


Figura 18: Planta do pavimento térreo do CCSP. Fonte: SERAPIÃO, 2012, p. 76.

Esse tipo de organização espacial, bem como a adoção de diversos espaços multiuso (Figura 19) (que não possuem características de espaços especializados em uma ou outra atividade e dão liberdade ao usuário de se sentir à vontade para apropriá-lo como quiser), faz com que, em um mesmo local ocorram diversas manifestações artísticas, culturais e sociais diferentes, promovendo encontro, troca e diversidade. Essa característica espacial enriquece a vida do centro cultural, pois oferece um espaço livre, que é transformado a partir das atividades desenvolvidas pelos sujeitos da cultura.



Figura 19: Exemplo de espaço multiuso presente no CCSP. Fonte: acervo pessoal da autora.



Figura 20: Embasamento da edificação em talude, CCSP. Fonte: acervo pessoal Renata de Moura.

Em termos conceituais da obra, o embasamento do edifício se configura como um talude, mimetizando a topografia do sítio (Figura 20). A cobertura, então era a parte tectônica, que simbolizava o engenho do homem e sua criatividade.

Além dos aspectos de contextualização com o sítio, o entorno e a cidade presentes nessa obra, é importante destacar também a identidade paulistana expressa nele, através da utilização de elementos espaciais recorrentes no repertório da escola paulista, como o uso de rampas, ênfase estrutural, aberturas zenitais, horizontalidade e introspecção (SERAPIÃO, 2012, p.67).

Outro aspecto interessante de se notar são as inovações tecnológicas nas soluções de caráter experimental que a obra apresenta, como as luminárias internas em tecido de fibra de vidro (Figura 21), a conexão entre as rampas (Figura 22), os mecanismos de aberturas de janelas envidraçadas etc., mostrando que os arquitetos não pouparam esforços em elaborar propostas diferenciadas que contemplassem as intenções que eles tinham para o espaço construído (SERAPIÃO, 2012, p.72). Vale ressaltar que nem todas as intenções foram bem sucedidas, mas, com certeza, agregaram muito valor à obra.



Figura 21: Conexão entre as rampas da biblioteca, CCSP. Fonte: acervo pessoal Renata de Moura.



Figura 22: Iluminação natural em fibra de vidro. Fonte: acervo pessoal Renata de Moura.

## CENTRO CULTURAL BNB

### O Banco do Nordeste

O Banco do Nordeste é uma instituição financeira múltipla, organizada sob forma de sociedade de economia mista (a qual o Governo Federal possui 94% das ações), criada em 1952, com sede em Fortaleza, com a missão de desenvolver a região Nordeste. Essa ação é feita através da democratização do crédito, facilitando o acesso dos pequenos, médios e grandes empresários aos recursos disponíveis. O BNB atua tanto na captação, gestão e aplicação dos recursos, visando à expansão do mercado interno e a ampliação das oportunidades de emprego. Dessa forma, busca promover o desenvolvimento da região, criando uma nova realidade através de suas ações.

Com a tarefa de agente de desenvolvimento do Nordeste e acreditando que o desenvolvimento econômico e social de uma região só é possível com o fortalecimento da cultura, nasceu a ideia de se implantar os Centros Culturais BNB.

### O nascimento do Centro Cultural BNB

Em meio às políticas públicas de incentivo à cultura, realizadas pelo Ministério da Cultura, nasceu, no final da década de 90, a ideia de se conceber um espaço pertencente ao Banco que fosse palco de atividades culturais: o Centro Cultural Banco do Nordeste (CCBNB). A fundação da primeira sede ocorreu em 1998, em Fortaleza, mais precisamente no Centro da cidade, no Edifício Raul Barbosa (Figura 23). Após a consolidação desse espaço, foram criadas mais duas sedes: o CCBNB Cariri, inaugurado em 2006, em Juazeiro do Norte, que atua em toda região do Cariri (Figura 24); e o CCBNB Sousa, inaugurado em 2007, que atua na região do Alto Sertão Paraibano (Figura 25) (MENEZES, [20--], p.5).



Figura 23: CCBNB Fortaleza (Edifício Raul Barbosa), CE. Fonte: <<http://tribunadoceara.uol.com.br>>. Acesso em: 13 out. 2013.



Figura 24: CCBNB Cariri, Juazeiro do Norte, CE. Fonte: <<http://4.bp.blogspot.com>>. Acesso em 04 out. 2013.



Figura 25: CCBNB Sousa, PB. Fonte: <<http://4.bp.blogspot.com>>. Acesso em 04 out. 2013.

O CCBNB tem sua atuação focada na democratização do acesso às manifestações artístico-culturais e apoio à produção, circulação e formação artística (MENEZES, [20--], p.4). Como instituição, busca também se configurar como um espaço democrático, de encontro das mais diversas manifestações artísticas, oferecendo uma programação diária e gratuita e se consolidando como um espaço que agregue diversos públicos para a fruição, reflexão e valorização da arte e da cultura universal, nacional e regional (MENEZES, [20--], p.5).

“Diferentemente de encarar e de praticar cultura apenas como lazer e entretenimento, o Centro Cultural Banco do Nordeste busca garantir à comunidade o livre acesso à informação e às novas formas mais diversas da produção cultural, enfatizando as experiências associativas entre o tradicional e o contemporâneo. Sem adotar os estereótipos regionalistas, mas reconhecendo e valorizando as identidades e as tradições locais sob a perspectiva da universalidade. Uma forma de promover o exercício da cidadania com a consequente conscientização e valorização da cultura brasileira.” (CENTRO CULTURAL BANCO DO NORDESTE, 2010, p.20).

“O CCBNB firma-se no cenário cultural nordestino como espaço dinâmico, inclusivo e plural. Local onde a comunidade nordestina pode participar ativa e prazerosamente do fazer cultural ou como espectador dessa cultura.” (CENTRO CULTURAL BANCO DO NORDESTE, 2010, p.35).

Os objetivos principais que o CCBNB concentra suas estratégias são:

- Divulgar o acervo artístico pertencente ao BNB;
- Desenvolver profissionalmente os agentes culturais;
- Difundir a arte e a cultura regional e universal.

Visando o cidadão como ator central das suas ações, pois acreditam que “todas as pessoas são sujeitos culturais, independentemente de serem ou não criadores de obras artísticas e de pensamento” (CENTRO CULTURAL BANCO DO NORDESTE, 2010, p.19) e pensando que a instituição não deve se limitar à cultura, mas também ser um agente de educação, o CCBNB tem como uma das suas metas promover a formação de plateias e a vivência artística do público nas suas ações, não restringindo o público como mero observador, mas buscando a sua participação nas manifestações artísticas. Assim, “...o CCBNB representa, em conjunto, uma engrenagem inquietante e transformadora, onde a arte é tratada como uma manifestação que existe para ser vivida e não apenas para ser vista” (CENTRO CULTURAL BANCO DO NORDESTE, 2010, p.23).

Extrapolando o seu lado democrático, o CCBNB também possibilita a participação do público na escolha da sua programação, ao mesmo tempo em que também a coloca acessível à atuação dele, já que a seleção dos artistas é feita por meio de editais anuais, onde qualquer cidadão pode tentar concorrer à possibilidade de se apresentar no espaço do Centro Cultural.

Outra premissa bastante importante do CCBNB é promover, em seu espaço, a “hibridização” dos mais diversos tipos de arte, levando o público a vivenciar a cultura e a arte sob diversas

linguagens artísticas, contribuindo, dessa forma, para o desenvolvimento da conscientização e do senso crítico dos cidadãos. Por esse motivo, considera-se que “Os Centros passaram a ser reconhecidos como espaços de convivências equitativas entre as diversidades culturais” (CENTRO CULTURAL BANCO DO NORDESTE, 2010, p.35).



Figura 26: Encontro de artistas no saguão principal da sede do CCBNB Fortaleza (Edifício Raul Barbosa). Fonte: acervo pessoal da autora.

Uma característica importante é que o CCBNB não restringe suas ações aos seus limites físicos, mas estende sua participação no cenário local se associando a outras entidades e espaços culturais. No caso de Fortaleza, o CCBNB realiza parcerias com o Centro Cultural Bom Jardim, CUCA Che Guevara, Teatro José de Alencar, Casa da Comédia Cearense, dentre outros.

Com uma filosofia própria e se caracterizando como um espaço democrático, acessível e plural, o CCBNB conseguiu consolidar sua atuação no cenário local e regional, se caracterizando hoje como importante agente cultural de fomentação das artes, formação de público crítico e incentivador institucional e econômico das artes e da cultura.

“O Centro Cultural Banco do Nordeste, dinâmico corpo em movimento a gerar arte-vida, representa o forte exemplo de uma experiência significativa de gestão da cultura, com propostas e ações culturais lúcidas e viáveis.” (CENTRO CULTURAL BANCO DO NORDESTE, 2010, p.23).

## Fases do Centro Cultural BNB

Ao longo de seus quinze anos de existência e atuação na cidade de Fortaleza, o CCBNB atravessou algumas fases, que podem ser claramente definidas em três períodos:

- Período de consolidação (entre 1998 e 2003): fase iniciada juntamente com a inauguração do CCBNB na cidade de Fortaleza, onde ele começou a se firmar no cenário local como espaço de produção artística contínua;
- Período de expansão (entre 2003 e 2006): fase que correspondeu ao período do Governo Lula na presidência, que fez muitos investimentos nas políticas culturais por pensar que essa era fator preponderante ao desenvolvimento. Sendo assim, o CCBNB recebeu muitos investimentos, o que possibilitou a expansão das suas atividades. Nesse período, também, foi inaugurado o CCBNB Cariri, seguido do CCBNB Sousa, em 2007;
- Período de inflexões (após 2006): fase em que o CCBNB tem passado por diversos problemas internos (administrativos, programação, investimentos, etc.) e necessidades de mudança.

É justamente nesse período que ocorre o maior problema do CCBNB enfrentou durante todos os seus anos de existência: a necessidade de desocupar, até Março de 2013, o edifício que abriga suas instalações físicas, no Edifício Raul Barbosa, e se instalar em outro local, em virtude da venda do edifício para a Justiça Federal do Estado do Ceará. Após o fim do contrato, o CCBNB permaneceu fechado durante meses, atuando somente como produtor cultural. Esse impasse foi finalmente resolvido no final de Setembro, com a inauguração da nova sede, que ocupa o edifício onde funcionava o Centro de Referência do Professor, próximo à Catedral Metropolitana de Fortaleza. O edifício foi reformado, visando à adaptação da sua estrutura física às instalações de um centro cultural.



Visualizando esse problema e enxergando a importância desse equipamento no cenário cultural da cidade de Fortaleza e da Região Nordeste como um todo, chegamos à conclusão que o CCBNB merece uma sede especialmente projetada para ele, onde possa expandir sua atuação e ter instalações adequadas. Sendo assim chegamos a nossa proposição: projetar uma nova sede para o Centro Cultural Banco do Nordeste, que contemple sua filosofia básica e que possa ter a identidade da nossa cultura expressa em sua arquitetura.

### **O programa existente no CCBNB antigo (Edifício Raul Barbosa)**

Até março de 2013, o CCBNB funcionou no Edifício Raul Barbosa, distribuído entre os três primeiros pavimentos. No piso térreo, localizava-se a biblioteca, uma sala de exposições e a parte de recepção e guarda-volumes. No primeiro pavimento, encontrávamos outra sala de exposições e a administração do Centro. No segundo pavimento, tínhamos o teatro e mais uma sala de exposições.

Por ter sido projetado com a finalidade de abrigar a sede do BNB, num primeiro momento, esse edifício não satisfazia as necessidades de um espaço cultural. Portanto, ao longo dos anos, foram necessárias algumas reformas que possibilitassem ao espaço disponível o recebimento das atividades artísticas. Entretanto, como reformas muito invasivas na estrutura original do edifício não eram possíveis, verifica-se a existência de alguns espaços improvisados e inadequados para uma boa execução das atividades.



Figuras 27: Ambiente existente no CCNBN Fortaleza (sede Raul Barbosa): uma das salas de exposição (segundo pavimento). Fonte: acervo pessoal da autora.



Figuras 28: Ambiente existente no CCNBN Fortaleza (sede Raul Barbosa): Biblioteca, abaixo, e a Administração, acima. Fonte: acervo pessoal da autora.

### O programa existente no CCBNB novo (antigo Centro de Referência do Professor)

Atualmente, o CCBNB se localiza no antigo Centro de Referência do Professor, antigo Mercado Central de Fortaleza e que abrigou, recentemente, a sede do Centro de Referência do Professor.

Foram feitas algumas reformas com a finalidade de colocar a nova sede para funcionar o mais rápido possível. Na configuração atual, o centro cultural possui: uma galeria (Figura 32),



Figura 29: Vista do pátio central da nova sede do CCBNB Fortaleza. Fonte: acervo pessoal da autora.



Figuras 30: Ambiente existente no CCNBN Fortaleza (sede nova): espaço do palco. Fonte: acervo pessoal da autora.

um auditório (Figura 31) e um pequeno palco, num pátio (Figura 30). O equipamento deve continuar funcionando assim até que haja uma outra reforma, que contemplará a inserção de mais ambientes, a qual só deve começar em 2014 e se encerrar no fim do ano que vem. Segundo Santiago (2013), no Jornal O Povo, serão construídos uma biblioteca (que terá menor tamanho que na antiga sede), um espaço para computadores e videoteca, um teatro black box (para 250 pessoas) e um café, além da ampliação da galeria (com a demolição do palco) e do auditório (que terá capacidade final para 132 pessoas).



Figuras 31: Ambiente existente no CCNBN Fortaleza (sede nova): o auditório. Fonte: acervo pessoal da autora.



Figura 32: Vista externa da galeria Antônio Bandeira. Fonte: acervo pessoal da autora.



4

**CCBNB**  
**a proposta arquitetônica**



A proposta inicial era dar uma nova sede ao Centro Cultural Banco do Nordeste em Fortaleza, que pudesse exprimir a identidade dessa entidade, bem como fosse capaz de comportar as atividades que a constituem como lugar de cultura. Ao longo da pesquisa, entretanto, outros valores, identificados como pontos que pudessem agregar à cidade e à população, foram se unindo à proposta inicial, o que resultou no partido do projeto concebido.

## O TERRENO DO PROJETO

### Localização em Fortaleza: Centro da cidade

A primeira coisa que podemos afirmar é que o Centro Cultural Banco do Nordeste existente hoje é frequentado por diversos públicos: aqueles que vão para lá atraídos pela programação; aqueles que frequentam diariamente para ler jornal, encontrar os amigos; aqueles que vão para estudar, desfrutando do espaço da biblioteca; artistas que vão para trocar ideias ou participar da efervescência cultural que permeia o ambiente; dentre outros. A partir desses grupos citados já é possível concluir que a localização do CCBNB no Centro é estratégica no que se refere

### [MAPA 01] CENTRO E SUAS ADJACÊNCIAS



Localização do terreno no contexto de Fortaleza.  
Fonte: elaborado pela autora.

à atração de pessoas para participar das atividades ocorridas ali, seja pela proximidade com seu local de trabalho, seja pela possibilidade de poder resolver problemas, fazer compras no comércio e depois poder conferir o que a programação do centro cultural oferece (postura que é reforçada pelo fato de a programação ser inteiramente gratuita).

Outro ponto a se ressaltar é a facilidade de acesso que essa região da cidade possui. Como há uma grande oferta de transportes públicos que convergem para o Centro (e que se irradiam a partir dele também), o acesso para lá é bastante simples e abundante, fato que contribui para a frequência de usuários no equipamento.

É importante destacar que a frequência de grupos diversificados é extremamente importante para a manutenção do espírito existente no CCBNB. Um dos princípios que regem esse equipamento é a democratização da cultura, seja atuar na criação, circulação ou fruição de bens culturais (CENTRO CULTURAL BANCO DO NORDESTE, 2010, p. 13). O equipamento está a serviço das pessoas para ser vetor de informação, lugar de discussão e criação. O CCBNB tem por principais objetivos formar plateias e grupos críticos, além de aproximar mais as pessoas da cultura. Assim, é bastante válido que esse local possa ser acessível, permeável e que se mantenha próximo à sua vizinhança, de forma a assegurar a existência desse espírito, garantindo assim que se possa atingir os objetivos a que se propõe em seu papel na cidade.

Um segundo ponto relevante é o fato de que o Centro da cidade é predominantemente ocupado por comércios. A ausência de outros usos - inclusive o residencial - faz com que essa região seja habitada somente em horários comerciais, enquanto à noite e aos domingos é vazia. A marginalidade, então, impera em meio ao espaço urbano despovoado, o que provoca nas pessoas temor em andar por lá nos horários em que não tem movimento.

Visualizamos, então, essa “monofuncionalidade” como uma característica maléfica da área.

A inserção de novos usos no Centro de Fortaleza se configura como uma medida bastante saudável para a diminuição da criminalidade, bem como a revitalização da área urbana em si. A preservação do patrimônio histórico existente no Centro seria um ganho a mais, já que sofreria influências desse processo de reestruturação.

“Em outras palavras, é indispensável que se criem arranjos espaciais de novas e velhas estruturas em vizinhança convenientes para que os novos usos se misturem e consigam influir na geração de novas oportunidades para as velhas estruturas neste novo cenário. Isto também fortalece a ideia de que o crescimento tem que ser, sempre que possível, por inserção no velho tecido e não necessariamente por expansão. A densidade média da parte urbanizada de Fortaleza é muito baixa, o que significa que ainda cabe muita gente dentro do tecido maduro.”. (NILO, 2013).

Vale ressaltar que, ao longo dos anos, essa dominação do comércio tem se intensificado ainda mais. É possível perceber que o Centro perdeu algumas instituições culturais bastante significativas, como o Cine São Luís. Ainda existem algo em torno de sete instituições (Mapa 02), mas essas, por sua vez, possuem um raio de ação bastante limitado, seja por conta de uma programação restrita, pelo próprio porte físico e foco de atuação ou por pouca assiduidade de frequentadores. Assim, elas não podem ser consideradas como polarizadores no contexto urbano de Fortaleza, e, na maior parte das vezes, também se restringem ao horário comercial de funcionamento, temendo a criminalidade.

O CCBNB possui essa vocação polarizadora. Portanto, a partir da inserção desse equipamento, será possível reforçar a vocação cultural do Centro de Fortaleza, atraindo outras organizações de caráter semelhante para se instalarem nessa região.



## [MAPA 02] EQUIPAMENTOS CULTURAIS | CENTRO



## LEGENDA

01	Teatro José de Alencar	04	Museu do Ceará	08	Teatro SEST/SENAT
02	Sobrado Dr. José Lourenço	05	Academia Cearense de Letras		
03	Espaço Cultural Correios	06	Teatro SESC Emiliano Queiroz		
					□ Terreno do projeto

Fonte: elaborado pela autora.

Além disso, por ser um centro cultural, o CCBNB agrega diversas atividades, atrai públicos diferenciados, institui outros horários de frequência de público e provoca mudanças no seu entorno, gerando novos usos, inclusive. A instalação de um equipamento como esse, incita uma discussão em torno da implementação de projetos de requalificação urbana, redução da criminalidade e preservação do patrimônio histórico da área, esse de fundamental importância, já que esse bairro se configura como o espaço onde se originou a cidade. Além disso, a instalação do centro cultural gera renda e negócio para essa área. Na medida em que as pessoas vão ao equipamento, elas acabam por passar pelos comércios e serviços da região, utilizando-os.

Diante do que foi exposto, é importante apontar que o CCBNB tem uma vida mais intensa e consegue atingir com mais força seus objetivos de atuação se estiver inserido no Centro; assim como o Centro precisa do CCBNB, para ser reestruturado, regenerado; para agregue outros públicos, para que atraia investimentos, e que, por sua vez, possa ser valorizado. Assim, o CCBNB e o Centro interagem com laços muito fortes. Não deveríamos quebrá-los.

### O terreno

O terreno escolhido para a implantação do projeto é uma quadra que se localiza limitada pelas vias Av. Duque de Caxias (a Norte), Rua Assunção (a Oeste), Rua Clarindo de Queiroz (a Sul) e Rua Solón Pinheiro (a Leste).

Essa quadra hoje é bastante subutilizada. Há diversos terrenos, mas somente três são usados efetivamente: um deles abriga um bar, o outro é ocupado com uma residência e um terceiro que se destina a ser um estacionamento. Os demais são todos terrenos vazios. Isso implica menos problemas na negociação de desapropriação. A proposta engloba, portanto, o remembramento de todos esses lotes, transformando essa área num lote único.

A localização desse terreno é bastante estratégica e agrega muito valor à proposta apresentada. O primeiro ponto a ser considerado – e talvez o mais significativo deles – é que o terreno escolhido é bastante próximo a atual sede do CCBNB. Isso nos permite que diversas relações constituídas ao longo do tempo entre usuários e a instituição não sejam ameaçadas.

Outro ponto importante é que o lote é localizado exatamente entre a área mais residencial e de serviços e a zona mais comercial do Centro da cidade. Essa característica nos permite instalá-lo numa área que, por natureza, possui uma certa variedade de usos do solo, e provocar uma revitalização urbana que

atinja essas duas zonas. Além disso, localizando-se próximo à zona residencial, o centro cultural pode se interagir de uma maneira bastante saudável com a comunidade, sendo um espaço de lazer, informação e atividades culturais em que a população pode usufruir livremente, fazendo dele uma extensão da sua casa.

A localização desse terreno também se configura como um ponto central entre as universidades localizadas próximas, como a Universidade Federal do Ceará - Campus do Benfica (onde são localizados os cursos de ciências humanas, além dos cursos de Artes Cênicas, Dança, Cinema, Arquitetura) e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), o qual possui cursos como Licenciatura em Artes Visuais (com sede no Centro da cidade) e Técnico em Instrumentos Musicais (com sede no Benfica). Essa proximidade física permite que o CCBNB possa ser utilizado como extensão das atividades ligadas às universidades (como um local de pesquisa e debate, com oferta de cursos de extensão desenvolvidos nas oficinas, como ponto de encontro e de troca de ideias) ou mesmo como infra-estrutura especializada disponível para essas instituições.

Um terceiro ponto importante da localização do sítio é o seu entorno. Ele é cercado por uma via arterial de intenso fluxo Leste-Oeste da cidade (Av. Duque de Caxias), por uma via de acesso ao Centro (Rua Solón Pinheiro) e por uma via de es-

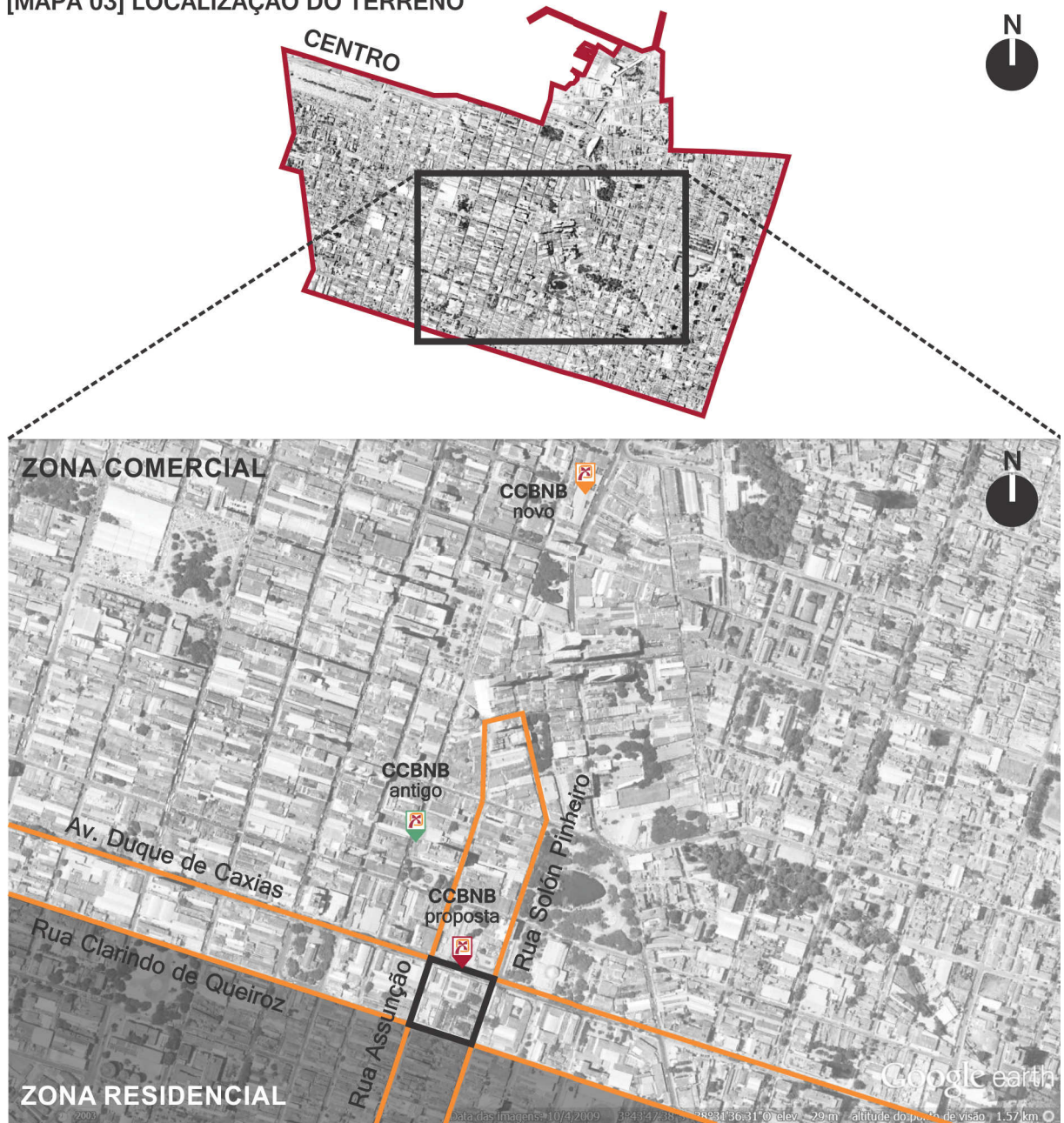


Figura 33: Terreno: fachada Norte.  
Fonte: arquivo pessoal da autora.



Figura 34: Terreno: fachada Sul/ fachada Leste.  
Fonte: arquivo pessoal da autora.

[MAPA 03] LOCALIZAÇÃO DO TERRENO



Fonte: elaborado pela autora.



Figura 35: Terreno: fachada Sul.  
Fonte: arquivo pessoal da autora.







Figura 36: Terreno: fachada Oeste.  
Fonte: arquivo pessoal da autora.

coamento do Centro (Rua Assunção). Além disso, possui um terminal de ônibus urbano há um quarteirão e dois pontos de ônibus interurbano (um deles, ao lado do terreno e o outro há uma quadra). Há também três estações de metrô previstas para se localizarem no Centro, as quais se distanciam algo em torno de 800m do centro cultural. Essa multiplicidade de opções de acesso nos faz crer que o centro cultural servirá à Fortaleza como um todo, uma vez que, de todos os rincões da cidade, será possível chegar até lá com relativa facilidade.

[MAPA 04] TRANSPORTE PÚBLICO NA REGIÃO



**LEGENDA**

-  Parada ônibus urbano
-  Parada ônibus interurbano
-  Estação de metrô
-  Terreno do projeto

Mapa 04: Localização dos pontos de parada de ônibus e estação de metrô próximos ao terreno do projeto.  
 Fonte: elaborado pela autora.

**[TABELA 01] LISTA DE OPÇÕES DE TRANSPORTE COLETIVO NO ENTORNO**

parada	linha transporte coletivo	parada	linha transporte coletivo
1	026: Antônio Bezerra Messejana	7	633: Passaré Centro 1
	028: Antônio Bezerra Papicu		650: Messejana Centro BR Nova Expresso 1
	077: Parangaba Mucuripe		703: Paupina Pici (STPC)
	251: Bezerra de Menezes Coração de Jesus		706: Edson Queiroz Barra do Ceará (STPC)
	833: Cidade 2000 Centro		713: Santos Dumont Perimetral (STPC)
2	026: Antônio Bezerra Messejana	8	752: Caça e Pesca Centro (STPC)
	028: Antônio Bezerra Papicu		753: Cidade 2000 Sargento Hermínio (STPC)
	031: Av. Borges de Melo I		759: Conjunto Palmeiras Centro (STPC)
	049: Caça e Pesca Centro Beira-Mar (TopBus)		703: Paupina Pici (STPC)
	054: Praia do Futuro Caça e Pesca (Corujão)		706: Edson Queiroz Barra do Ceará (STPC)
	077: Parangaba Mucuripe		713: Santos Dumont Perimetral (STPC)
3	251: Bezerra de Menezes Coração de Jesus	9	725: Parque Santa Maria Liceu (STPC)
	026: Antônio Bezerra Messejana		752: Caça e Pesca Centro (STPC)
	028: Antônio Bezerra Papicu		753: Cidade 2000 Sargento Hermínio (STPC)
	077: Parangaba Mucuripe		759: Conjunto Palmeiras Centro (STPC)
	251: Bezerra de Menezes Coração de Jesus		022: Jardim das Oliveiras Centro
4	504: Av. 13 de Maio II	065: Barroso Jardim Violeta	
	833: Cidade 2000 Centro	501: Bairro de Fátima	
	501: Bairro de Fátima	503: Av. 13 de Maio I	
5	504: Av. 13 de Maio II	504: Av. 13 de Maio II	
	702: Av. Antônio Sales Dionísio Torres 1	600: Messejana Centro Frei Cirilo	
6	702: Av. Antônio Sales Dionísio Torres 1	602: Aerolândia 2	
	501: Bairro de Fátima	603: Jardim União Centro 1	
	504: Av. 13 de Maio II	605: Conjunto José Walter BR 116 Av. I 1	
	613: Barroso Jardim Viloeta 1	606: Conjunto José Walter BR 116 Av. N 1	
	660: Conj. Palmeiras Centro Expresso	613: Barroso Jardim Viloeta 1	
	666: Jardim Castelão 1	625: Parque Manibura Borges de Melo 1	
	670: Sítio São João Centro Expresso 1	633: Passaré Centro 1	
725: Parque Santa Maria Liceu (STPC)	650: Messejana Centro BR Nova Expresso 1		
7	503: Av. 13 de Maio I	660: Conjunto Palmeiras Centro Expresso	
	600: Messejana Centro Frei Cirilo	666: Jardim Castelão 1	
	602: Aerolândia 2	670: Sítio São João Centro Expresso 1	
	603: Jardim União Centro 1	701: Parque Americano 1	
	604: Dias Macedo Centro 1	702: Av. Antônio Sales Dionísio Torres 1	
	625: Parque Manibura Borges de Melo 1	816: Edson Queiroz Centro	

\*STPC: referem-se aos trajetos realizados por veículos do transporte alternativo





Linhas de ônibus disponíveis em cada parada de ônibus. Fonte: elaborado pela autora a partir de dados da ETUFOR.

Um quarto ponto importante é localizar esse espaço cultural, que terá uma parte de seu lote configurada como uma praça, de uma maneira que permita que ele se relacione com os demais espaços verdes existentes no Centro. Dessa forma, pode-se ampliar o sistema de espaços verdes da área, o que é bastante saudável para a cidade, além de, a partir da praça do CCBNB proposto, poder estimular o uso mais frequente desses lugares pelas pessoas.

### [MAPA 05] ÁREAS VERDES | CORREDORES DE CONEXÃO



#### LEGENDA

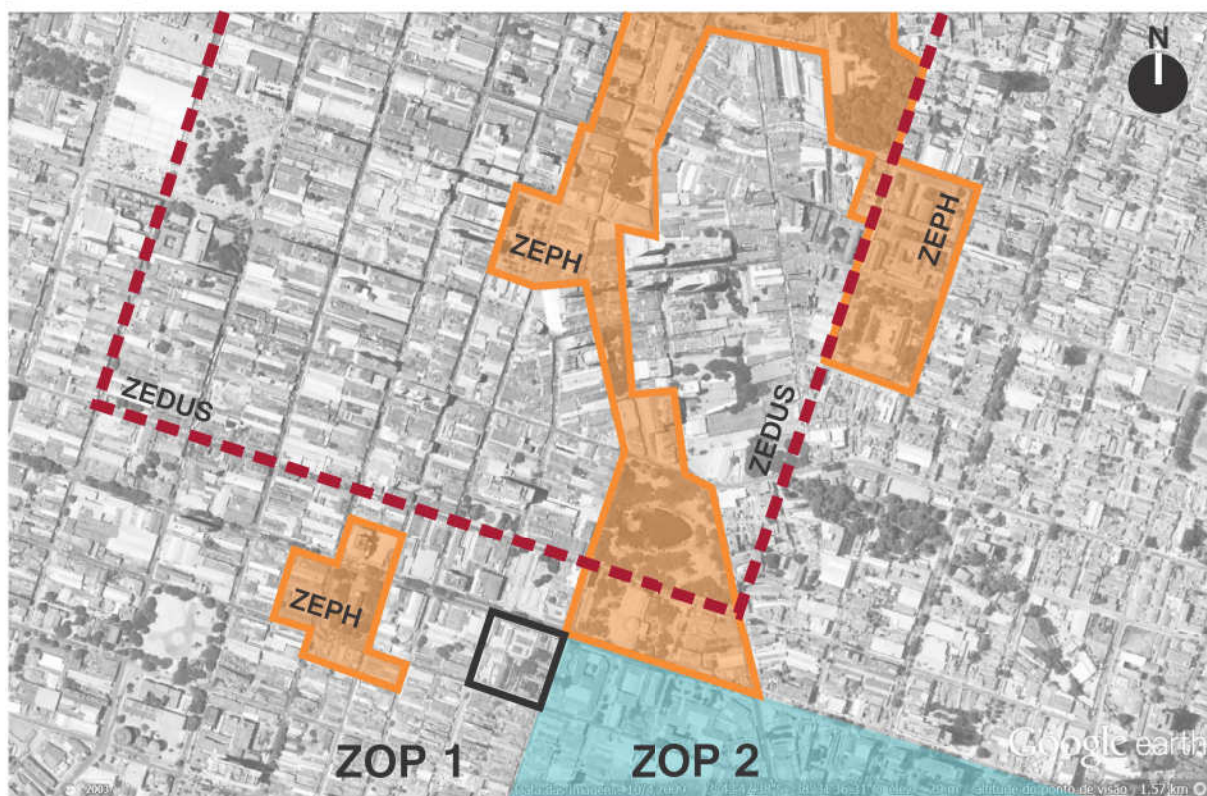
- |  |                                       |   |
|--|---------------------------------------|---|
|  Áreas verdes                 | <b>1</b> Praça Clóvis Beviláqua       | <b>5</b> Parque das Crianças            |
|  Eixos de conexão principais  | <b>2</b> Praça Nossa Senhora do Carmo | <b>6</b> Praça Sagrado Coração de Jesus |
|  Eixos de conexão secundários | <b>3</b> Praça Murilo Borges          | <b>7</b> Praça Polícia Civil            |
|  Terreno do projeto           | <b>4</b> Praça das Esculturas         | <b>8</b> Praça Filgueiras de Melo       |

Fonte: elaborado pela autora.

## LEGISLAÇÃO URBANA

De acordo com o Plano Diretor Participativo de Fortaleza, de 2008, o terreno está inserido na Zona de Ocupação Preferencial 1 (ZOP1). Essa zona “caracteriza-se pela disponibilidade de infraestrutura e serviços urbanos e pela presença de imóveis não utilizados e subutilizados; destinando-se à intensificação e dinamização do uso e ocupação do solo” (PDPFOR, 2008, p.46).

[MAPA 06] ZONEAMENTO URBANO DA REGIÃO



### LEGENDA

- |   |  |  |                                      |
|---|--|--|--------------------------------------|
|  | ZEPH (Zona Especial de Preservação do Patrimônio Paisagístico, Histórico e Cultural do Centro) |  | ZOP 1 (Zona Ocupação Preferencial 1) |
|  | ZEDUS (Zona Especial de Dinamização Urbanística e Socioeconômica)                              |  | ZOP 2 (Zona Ocupação Preferencial 2) |
|   |  |  | Terreno do projeto                   |

Fonte: elaborado pela autora com base no PDPFOR 2009.



É fácil perceber, portanto, a aproximação entre o objetivo dessa zona e as intenções da implantação do centro cultural nessa área, fato que ratifica a motivação da nossa escolha por essa região. Através da classificação da zona em que o terreno está inserido nessa lei, podemos obter os parâmetros de uso e ocupação do solo que devem ser respeitados pelo projeto.

É importante ressaltar que, embora na região do Centro haja a delimitação da Zona Especial de Preservação do Patrimônio Paisagístico, Histórico e Cultural (ZEPH) e a Zona Especial de Dinamização Urbanística e Socioeconômica (ZEDUS), o terreno do projeto encontra-se fora dessa área.

**[TABELA 02] PARÂMETROS URBANÍSTICOS | ZOP 1**

índice de aproveitamento básico	3,0
índice de aproveitamento máximo	3,0
índice de aproveitamento mínimo	0,25
taxa de permeabilidade	30%
taxa de ocupação	60%
taxa de ocupação subsolo	60%
altura máxima	72m

Fonte: PDPFOR 2009.

Na LUOS, o Centro está inserido na Zona de Urbanização Prioritária 1 (ZU1). Uma vez inserido nessa zona, o terreno escolhido possui alguns incentivos relativos à sua ocupação, a saber:

“Art. 148. A ocupação da área de que trata este Capítulo poderá utilizar-se dos seguintes incentivos:

I - em terreno de esquina, a dispensa dos recuos de fundo, até o quarto pavimento;

II - a dispensa dos recuos laterais até o quarto pavimento;

III - o avanço em balanço, até o alinhamento, dos três primeiros pavimentos acima do térreo, desde que o nível do piso pronto

do quarto pavimento não ultrapasse a cota dos 12,00m (doze metros) contados do nível médio do passeio por onde existe acesso;" (LUOS, 1996, p.51)

Ainda, segundo a LUOS (1996, p.149), o equipamento proposto se classifica no grupo institucional e no subgrupo de equipamentos de cultura e lazer (ECL). Dentro do subgrupo, é classificado de acordo com seu tipo e porte. O equipamento pode ser inserido um Centro Social Urbano e o porte da edificação será de mais de 1000m<sup>2</sup>.

Analisando as vias lindeiras ao terreno, temos duas situações: a Av. Duque de Caxias é classificada como via arterial II; e as ruas Solón Pinheiro, Assunção e Clarindo de Queiroz são classificadas como vias locais.

Reunindo as duas informações anteriores, vemos, na LUOS, que o edifício proposto é classificado como Projeto Especial, logo a regulação em torno dos recuos não está definida. O projeto, portanto, seria objeto de análise dos órgãos de planejamento municipal, que definiriam os parâmetros adequados da sua implantação.

**[TABELA 03] ADEQUAÇÃO DA ATIVIDADE À VIA ARTERIAL II**

classe ECL	uso	recuos		
		FT	LT	FD
1	adequado	7m	3m	3m
2	adequado	10m	5m	5m
3	adequado	10m	10m	10m
4	será objeto de estudo			

Fonte: LUOS (1996), anexo 8, tabela 8.19.

## PROGRAMA DE NECESSIDADES

Um centro cultural possui várias escalas e pode congrega poucas ou inúmeras atividades. Diante da vastidão de possibilidades, chegou-se aos itens do programa através de um estudo dos ambientes existentes no atual programa do CCBNB e por meio de conversas com os responsáveis por ele. A intenção era projetar um espaço que pudesse reunir todos os equipamentos necessários para que o CCBNB abrigue as atividades que desenvolve e oferece em sua programação e para que expanda a sua atuação, já que tem um potencial polarizador bastante forte. Os espaços contemplados pelo programa estão listados na Tabela 04, bem como o seu dimensionamento.

Partindo do pressuposto que um centro cultural é uma reunião de diversos equipamentos culturais num grande espaço polarizador, é fácil entender que as atividades desenvolvidas não possuem interação direta entre si, dispensando relações de interdependência. A disposição das atividades, portanto, obedeceu a outros critérios, mais relacionados à conveniência dos fluxos, acessos e suportes técnicos necessários.

Cabe uma breve descrição de cada um dos equipamentos formadores do centro cultural, já que eles possuem especificidades e alguns possuem um caráter inovador.

### Teatro convencional

Projetado para acomodar 253 espectadores, o teatro, de palco italiano, possui toda a estrutura de um teatro convencional. Esse teatro visa a receber shows, peças de companhias teatrais tradicionais, corais, etc.

[TABELA 04] PROGRAMA DE NECESSIDADES

	ambientes	ar. unitária (m <sup>2</sup> )	quantidade	ar. final(m <sup>2</sup> )	
SOCIAL	Espaço Social	1.008,28	1	1.008,28	
	Espaço Social (subsolo)	468,52	1	468,52	
	Bilheteria	22,49	1	22,49	
	Café	61,52	1	61,52	
	Loja	30,47	1	30,47	
	WC feminino	17,02	2	34,04	
	WC masculino	16,68	2	33,36	
BIBLIOTECA	Jardim	157,99	1	157,99	
	Estudo Grupo/Leitura Informal	324,44	1	324,44	
	Estudo Individual	87,12	1	87,12	
	Acervo	178,70	1	178,70	
	Depósito	36,01	1	36,01	
	Sala de Vídeos	7,80	3	23,40	
	Computadores	17,35	1	17,35	
	Brinquedoteca	139,50	1	139,50	
	Controle	13,26	1	13,26	
	Guarda-volume	23,63	1	23,63	
	Sala Bibliotecárias	19,11	1	19,11	
	WC feminino	17,02	1	17,02	
	WC masculino	16,88	1	16,88	
	TEATRO	TEATRO	Cávea	335,25	1
Sala de Controle			11,30	1	11,30
Palco			201,38	1	201,38
Depósito de figurino			35,97	1	35,97
Sala de Ensaio			30,94	1	30,94
Camarim e WC acessível			17,65	1	17,65
Camarim e WC			32,06	1	32,06
Urdimento			178,76	1	178,76
BLACK BOX		Teatro Black Box	247,67	1	247,67
		Depósito Cenografia	64,03	1	64,03
		Camarim e WC acessível	17,65	1	17,65
		Camarim e WC	16,84	1	16,84
		Urdimento	247,67	1	247,67
CINE	Cine Clube 1	162,28	1	162,28	
	Cine Clube 2	161,83	1	161,83	

Fonte: elaborado pela autora.

**[TABELA 04] PROGRAMA DE NECESSIDADES**

	ambientes	ar. unitária (m <sup>2</sup> )	quantidade	ar. final(m <sup>2</sup> )
EDU	Oficina 1	104,02	1	104,02
	Oficina 2	74,89	1	74,89
	Oficina 3	74,84	1	74,84
	Sala Bolsa Arte	50,70	1	50,70
EXPO	Sala Exposição Temporária	150,41	2	300,82
	Sala Exposição Multimídia	280,19	1	280,19
	Sala Exposição Permanente	694,80	1	694,80
	Laboratório de Restauro	62,79	1	62,79
	Reserva Técnica	93,57	1	93,57
ADMINISTRAÇÃO	Recepção	8,08	1	8,08
	Copa	10,00	1	10,00
	Sala Reunião	37,83	1	37,83
	Salão Trabalho	70,20	1	70,20
	Secretaria Executiva	25,85	1	25,85
	Sala Diretor Chefe	21,80	1	21,80
	Sala Curador	18,57	1	18,57
	Sala Diretor Cultural	18,57	1	18,57
	Sala Diretor Fin. Adm.	18,57	1	18,57
	Sala Diretor Sede	18,57	1	18,57
	WC Feminino	15,52	1	15,52
	WC Masculino	13,25	1	13,25
	APOIO	Estacionamento	1052,81	1
Depósito (térreo)		50,01	1	50,01
Depósito (1 pav)		63,15	1	63,15
DML		13,25	1	13,25
Oficina		87,66	1	87,66
Casa de Bomba		13,70	2	27,40
Gerador		23,95	1	23,95
Subestação		22,92	1	22,92
Torres de Resfriamento		109,12	1	109,12
Central de Água Gelada		216,61	1	216,61
Vestiário Feminino		19,91	1	19,91
Vestiário Masculino		19,88	1	19,88

Fonte: elaborado pela autora.

## Teatro Black Box

Por definição esse espaço é “uma sala de espetáculos que pode se adaptar a diversas tipologias – palco italiano, elizabetano, de arena, total, etc.” (LANFRANCHI, 2013, p.20). Nesse tipo de teatro a plateia e o palco não possuem lugares fixos e, portanto, nem a sala técnica de controle. O espaço, por sua vez, é uma grande caixa vazia com pé direito inteiro na altura de um urdimento, no qual, correm trilhos que contém as peças de iluminação cênica. Esse espaço poderá receber montagens de caráter mais contemporâneo e experimental. Por ser um espaço bastante flexível, o teatro black box também pode ser utilizado para outros fins: como auditório, sediando um bate-papo, etc.

## Biblioteca

Responsável por grande parte da frequência diária do CCBNB, a biblioteca desse centro cultural é muito mais do que um lugar de estudo: é um lugar de conhecimento, de encontro, de discussão, de troca e de aprendizado. Por esse motivo, possui espaços de desconpressão, de leitura informal, de ociosidade, além, claro, dos espaços de estudos de grupo, individuais e espaço infantil. Os dois últimos, por sua vez, são mais resguardados. Assim, tornam-se estanques em relação ao restante do espaço (o espaço infantil pode produzir ruído excessivo para o restante da biblioteca e o espaço de estudo individual requer uma concentração total).

## Cineclubes

Dimensionados para somente 76 lugares, o cineclubes é uma sala de cinema de tamanho reduzido, que se propõe a ser palco de mostras especiais de cinema, espaço de discussões cinéfilas, espaço de extensão do conhecimento sobre cinema. A ideia é que o cineclubes também possa, também, servir à comuni-

dade, sendo utilizado em parceria com as escolas para a exibição de filmes de caráter didático para os alunos. Isso proporcionaria aos alunos uma aula diferente, num espaço de exibição adequado, além de propiciar o despertar da curiosidade das crianças para as artes, por conta do contato com ambiente efervescente do centro cultural. Associado a essa ideia, poderiam haver atividades ligadas às universidades também nesse espaço.

### **Sala de oficinas**

O CCBNB oferece em sua programação alguns cursos de formação, tanto de artistas como de plateia. Esses cursos contemplam conhecimentos transversais às artes (cursos de: movimento, cor, corpo), e conhecimentos de apreciação à arte (violão, pintura, escultura, fotografia). Eles são os responsáveis por grande parte da fomentação do centro cultural, já que promovem o encontro e a discussão de artistas de diferentes áreas entre si, além de formar um público-alvo interessado e participativo. As oficinas duram em torno de duas horas e promovem algo em torno de seis encontros em cada curso oferecido. Foram idealizados espaços livres, que contemplem as mais diversas organizações, uma vez que cada assunto ministrado possui uma especificidade de ambiente e de layout. Há três salas no total, mas vale ressaltar que duas delas podem se transformar numa só sala grande, já que são separadas somente por painéis pivotantes que se recolhem.

### **Salas de exposição temporária**

Formada por duas salas que podem ser transformadas em um só grande salão, esse espaço pretende receber obras de artistas nordestinos com mostras de caráter temporário. A reversibilidade desse espaço permite que ele abrigue exposições menores e diferentes, ocorrendo simultaneamente, ou uma exposição maior, de um tema ou artista mais notável.

### **Sala de exposição permanente**

O espaço pretende contemplar a intenção de o CCBNB ter um acervo museológico próprio, de obras de artistas nordestinos. Essa sala de exposição possui um vão completamente livre, permitindo a adequação do espaço físico a qualquer organização que se queira fazer no acervo. Com uma área extensa, a sala pretende ter espaços que contemplem da arte mais tradicional a arte mais contemporânea nordestina.

### **Sala de exposição multimídia**

Essa sala foi idealizada diante da constatação de que, hoje, os acervos de exposições de artes visuais não se limitam aos objetos de arte reais e tangíveis, mas mergulham no mundo virtual e tecnológico. Sendo assim, o CCBNB deveria contemplar em seu programa essa nova proposta expositiva, possuindo, portanto, uma sala de exposição multimídia, projetada de maneira a conter esse acervo digital. Para tal, foi imaginada uma planta livre, com grandes dimensões e pé direito, onde o espaço é completamente moldado pela exposição que sediar. Inicialmente, foram imaginadas exposições temporárias nesse espaço.



## MEMORIAL DESCRITIVO

### Partido

Após o estudo de alguns conceitos e projetos de centros culturais existentes na atualidade, da localização do terreno, bem como seu entorno, da legislação vigente em Fortaleza e do programa a ser desenvolvido, uma série de diretrizes foram traçadas, de forma a nortear as principais intenções que o projeto contempla.

Em primeiro lugar, buscamos refletir no espaço a principal missão do centro cultural: a de que esse equipamento deve ser um espaço capaz de informar, provocar discussão e criação (MILANESI, 2003, p.172). Outro conceito bastante significativo, o qual já parte da ideologia do CCBNB, é o de que o espaço deve gerar conhecimento, ser instigador da curiosidade e estimular a participação dos espectadores, de forma que eles se envolvam e sejam sujeitos culturais. Tudo isso converge para um dos principais objetivos do CCBNB: ser um formador de plateias. Assim, o edifício foi imaginado como uma grande vitrine, gerando uma forte interação interior-exterior que incita a curiosidade e convida os de fora a entrar e imergir, provocando a descoberta. Associado a isso, o espaço interno foi pensado com uma intensa comunicação e visibilidade entre as partes, através da existência de vazios interligando os pavimentos, do mezanino, etc. Desta forma, os frequentadores possuem domínio do que está ocorrendo em outros setores do centro cultural, sendo instigados a participar de outras atividades, a contemplar o que estiver sendo desenvolvido, a perguntar, a descobrir...

Mesmo com toda essa interação, uma preocupação bastante pertinente foi a de que todos os equipamentos pudessem ser utilizados simultaneamente sem que houvesse ônus às atividades desenvolvidas em espaços adjacentes. Para isso, os ambientes que comportam os equipamentos foram projetados para

serem estanques. Dessa forma, a efervescência do CCBNB está garantida: espaços sociais com bastante troca, discussão e criação; e espaços de equipamentos com isolamento necessário para o bom desenvolvimento de suas atividades. Ou seja: o centro cultural pulsando o tempo todo, de forma integral. Pretendemos, com essa proposta, que o CCBNB possa aumentar seu raio de alcance e ampliar seus horários de funcionamento, englobando os três turnos: manhã, tarde e noite.

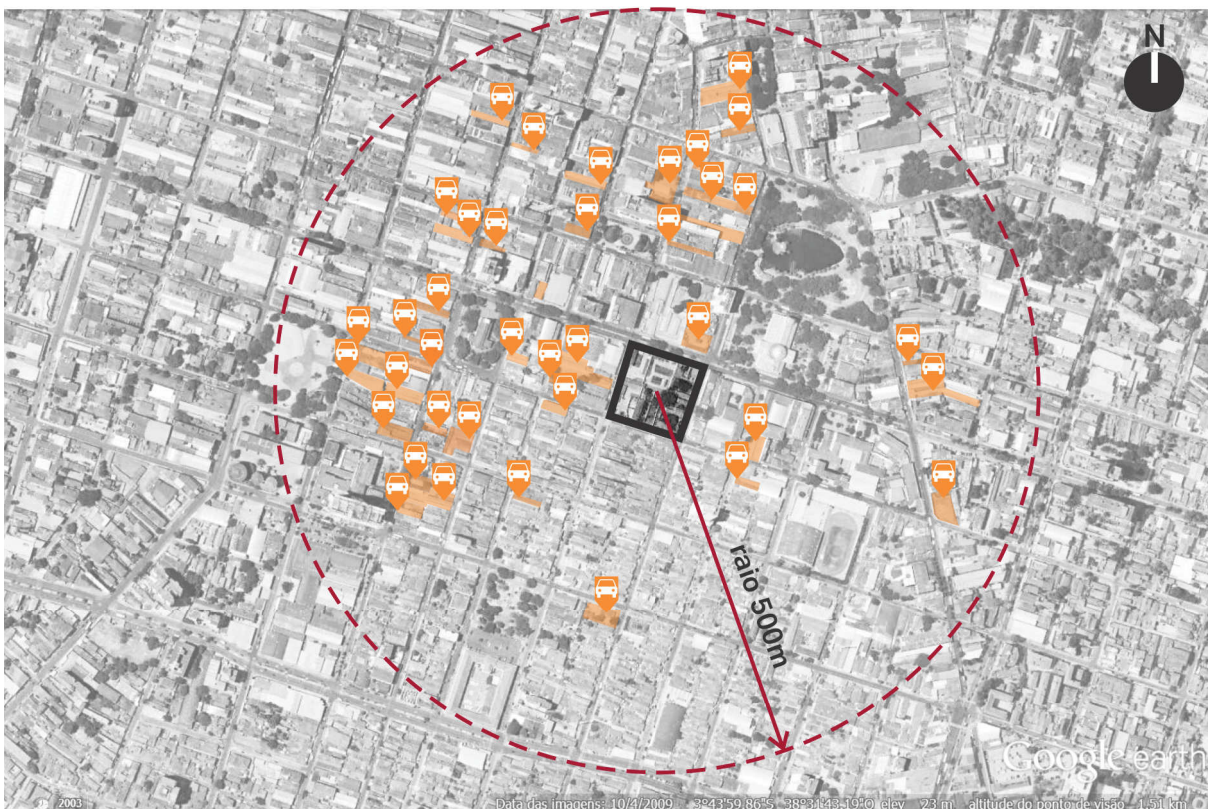
Um outro desafio é a responsabilidade de se criar uma identidade arquitetônica nordestina para esse equipamento, sem, entretanto, repetir modelos já ultrapassados nem copiar os arquétipos existentes. O CCBNB promove a cultura nordestina de forma moderna e atual, reconhecendo as tradições e valorizando as identidades, sob a perspectiva da universalidade. O edifício deveria seguir essa premissa.

De forma a assegurar a efervescência do edifício, deveríamos garantir que as pessoas se apropriem do centro cultural. Para que isso ocorra, o primeiro direito a ser assegurado é o de que qualquer pessoa pode ter livre acesso e circulação a todos os ambientes do edifício. Ou seja, que o centro cultural fosse também um espaço de inclusão. A acessibilidade, portanto, foi colocada como um ponto importante e significativo na elaboração do projeto. Todos os ambientes obedecem às normas e regulamentos que dizem respeito a essa questão, seja com acessos, cadeiras especiais, espaços específicos, etc. Vale ressaltar que inclusive as saídas de emergência são pensadas para contemplar pessoas com mobilidade reduzida ou deficiência. De acordo com a norma, não somos obrigados a ter rampas de fuga, entretanto, pensamos que um equipamento desse porte deveria contemplar essa opção de escape.

Partindo para um contexto mais urbano, podemos perceber que o CCBNB, hoje, já é um equipamento na escala da cidade, atraindo pessoas de diversas regiões de Fortaleza para usufruir da


sua programação. Com a expansão e a instalação na nova sede projetada, essa fato fica ainda mais evidente. Pelo fato de possuir uma localização privilegiada no Centro, verificamos que no entorno do terreno há diversas opções de acesso ao centro cultural por meio de transporte público (já citados anteriormente). Associado a isso, verificamos uma abundante presença de estacionamentos particulares nas redondezas. Através do levantamento realizado, foram mapeados em torno de 40 estabelecimentos desses num raio de cinco quarteirões de distância partindo do centro cultural (Mapa 07). Sendo assim, optamos por não oferecer estacionamento aos usuários do CCBNB. Percebemos que há uma oferta generosa de transporte público para a área e que deveríamos

#### [MAPA 07] ESTACIONAMENTOS DO ENTORNO



#### LEGENDA

 Estacionamentos

 Terreno do projeto

Mapa 07: Estacionamentos existentes no entorno do terreno.  
Fonte: elaborado pela autora.

estimular esse tipo de deslocamento. Entretanto, não deixamos a descoberto as pessoas que, por ventura, ainda desejem utilizar seus veículos: há uma intensa oferta de estacionamentos nas proximidades, suficiente para suprir a demanda do centro cultural. A caminhada entre o estacionamento e o centro cultural, inclusive, configura-se como um ponto positivo para o processo de revitalização urbana que a instalação do CCBNB almeja: ela estimula outros usos, coloca as pessoas na rua e movimentam o entorno.

### Implantação

O terreno possui um dos lados lindeiros à Av. Duque de Caxias. Como essa avenida é a via do entorno imediato do equipamento que tem a maior movimentação e afluxo de pessoas, fomos impelidos a localizar o Centro Cultural com essa mesma frente, onde se localiza o acesso do público. Foi previsto um recuo maior nessa lateral, gerando, assim, uma praça na frente do Centro Cultural, o lugar que recebe as pessoas que chegam e que as convida a permanecer.

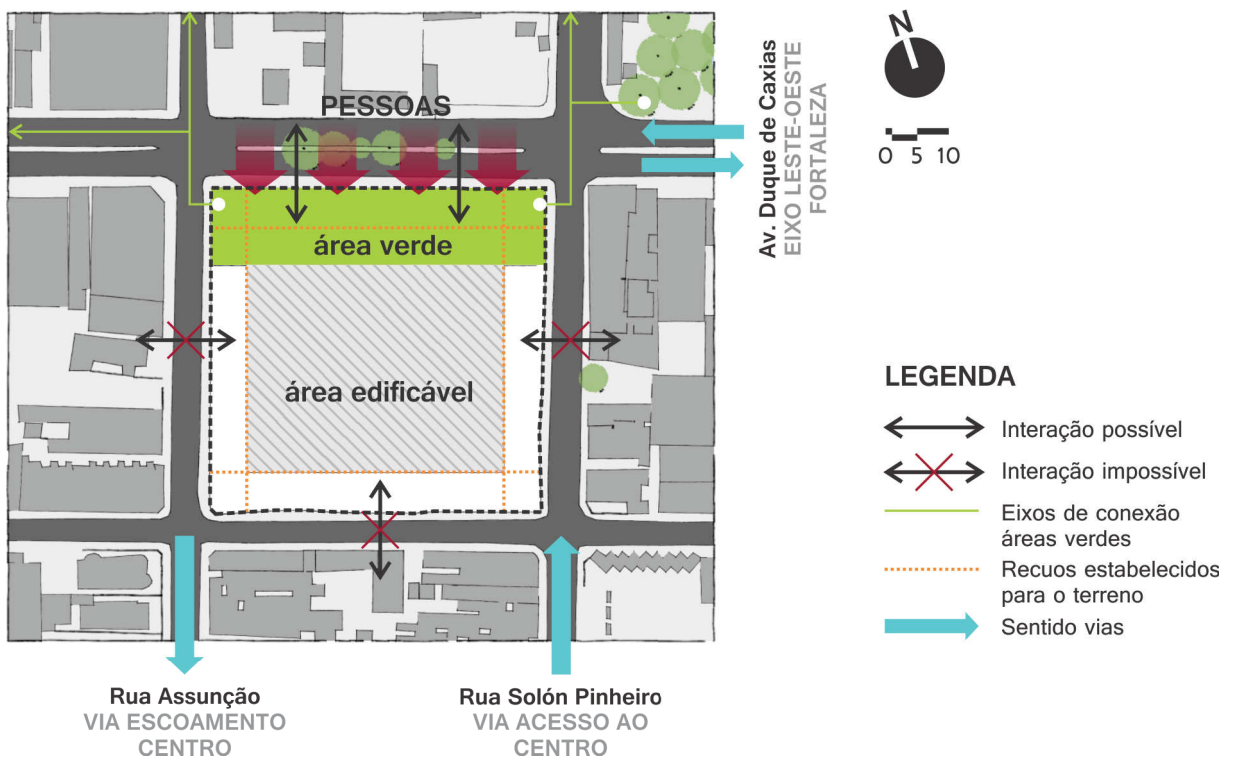


Figura 37: Esquema de implantação do edifício no terreno.  
Fonte: elaborado pela autora.



Figura 38: Rua Assunção. Pouca possibilidade de interação com o entorno. Fonte: arquivo pessoal da autora.



Figura 39: Rua Clarindo de Queiroz. Pouca possibilidade de interação com o entorno. Fonte: arquivo pessoal da autora.

Nas outras laterais do terreno, lindeiras às vias secundárias (Rua Clarindo de Queiroz, Rua Assunção e R. Solón Pinheiro), o movimento é menor e o entorno nos oferece pouca possibilidade de interação. Nessas, portanto, foram locados acessos alternativos, que tem uso por uma menor quantidade de pessoas.

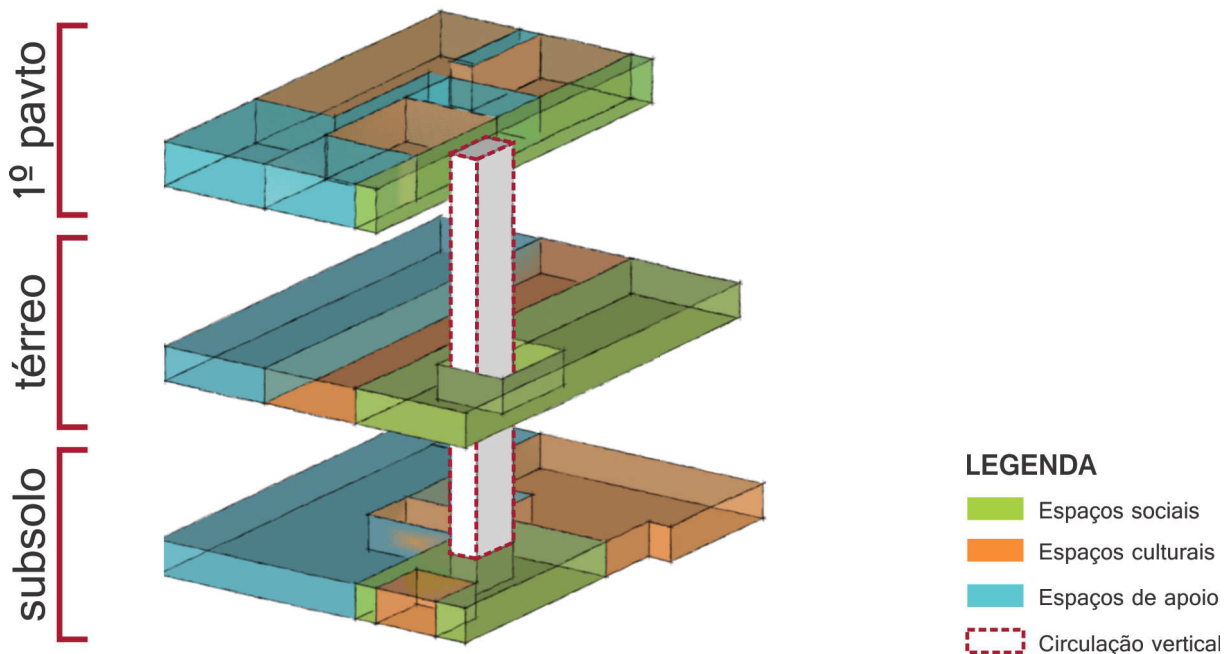


Figura 40: Esquema de zoneamento espacial dos grupos de atividades no edifício. Fonte: elaborado pela autora.

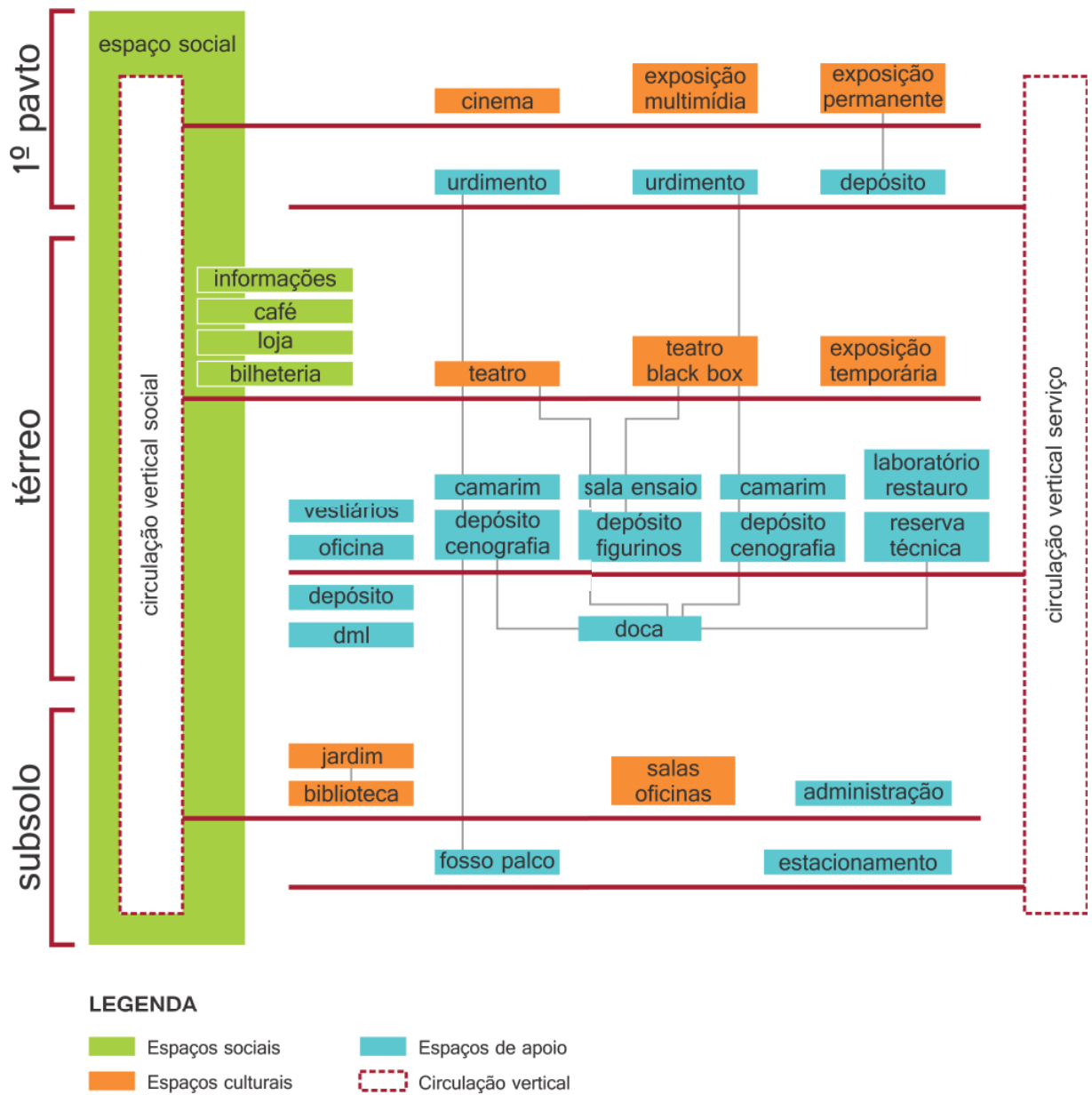


Figura 41: Fluxograma de organização dos ambientes. Organizado por pavimentos. Fonte: elaborado pela autora.

## Zoneamento

O edifício foi setorizado em três partes: uma área de entrada, aglomeração, reunião e manifestação popular (espaço social); uma área dos equipamentos propriamente ditos (espaço cultural), que se localiza na parte central do prédio; e uma terceira, o bloco de serviços (espaço de apoio), que dá suporte a todas as atividades desenvolvidas e ao centro cultural de uma forma em geral.

## Térreo

O pavimento térreo, embora elevado um pouco mais de um metro do solo, é a área de chegada das pessoas ao CCBNB. Ele possui um enorme saguão de recepção de pé direito triplo, lugar ideal de encontro e reunião. Aqui se localizam: o posto de informações e a bateria de bilheterias, o café, a lojinha e banheiros, além da circulação vertical e de uma bateria de banheiros disponíveis para o público.

Em relação às atividades, foram localizadas as que tinham o maior fluxo de pessoas e que requeriam frequência de carga e descarga de grandes objetos e equipamentos, já que é nesse piso que também se encontra o maior suporte das áreas de serviço e a doca. Estão, nesse pavimento o teatro, as salas de exposição temporária e o teatro black box.

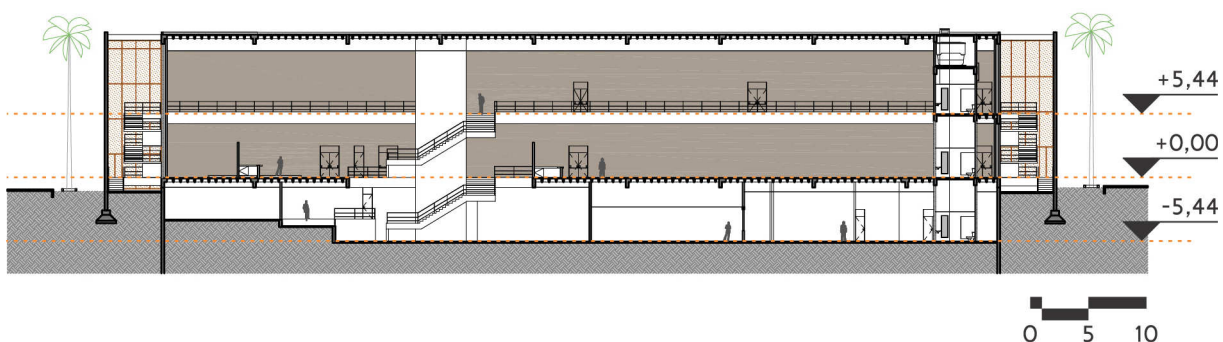
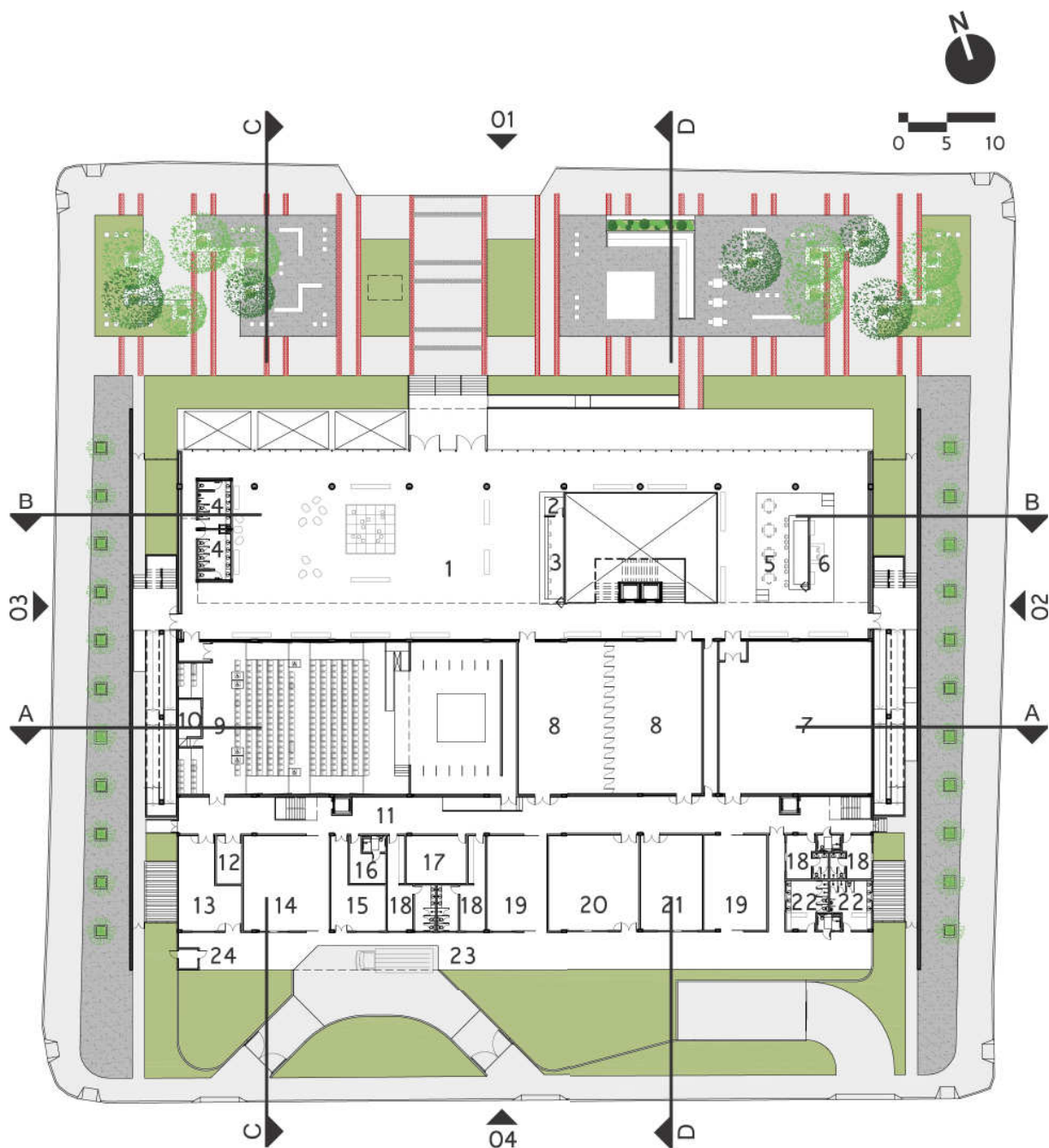


Figura 42: Corte BB. É possível perceber a dimensão do pé-direito no saguão de recepção.  
Fonte: elaborado pela autora.



**LEGENDA**

- |                        |                         |
|------------------------|-------------------------|
| 1 Espaço social        | 13 Depósito             |
| 2 Informações          | 14 Oficina              |
| 3 Bilheteria           | 15 Depósito figurinos   |
| 4 WC                   | 16 Camarim acessível    |
| 5 Café                 | 17 Sala de ensaios      |
| 6 Loja                 | 18 Camarim              |
| 7 Teatro black box     | 19 Depósito cenografia  |
| 8 Exposição temporária | 20 Reserva técnica      |
| 9 Teatro               | 21 Laboratório restauro |
| 10 Sala controle       | 22 Vestiários           |
| 11 Circulação serviço  | 23 Doca                 |
| 12 DML                 | 24 Lixeira              |

Figura 43: Planta baixa térreo.  
Fonte: elaborado pela autora.

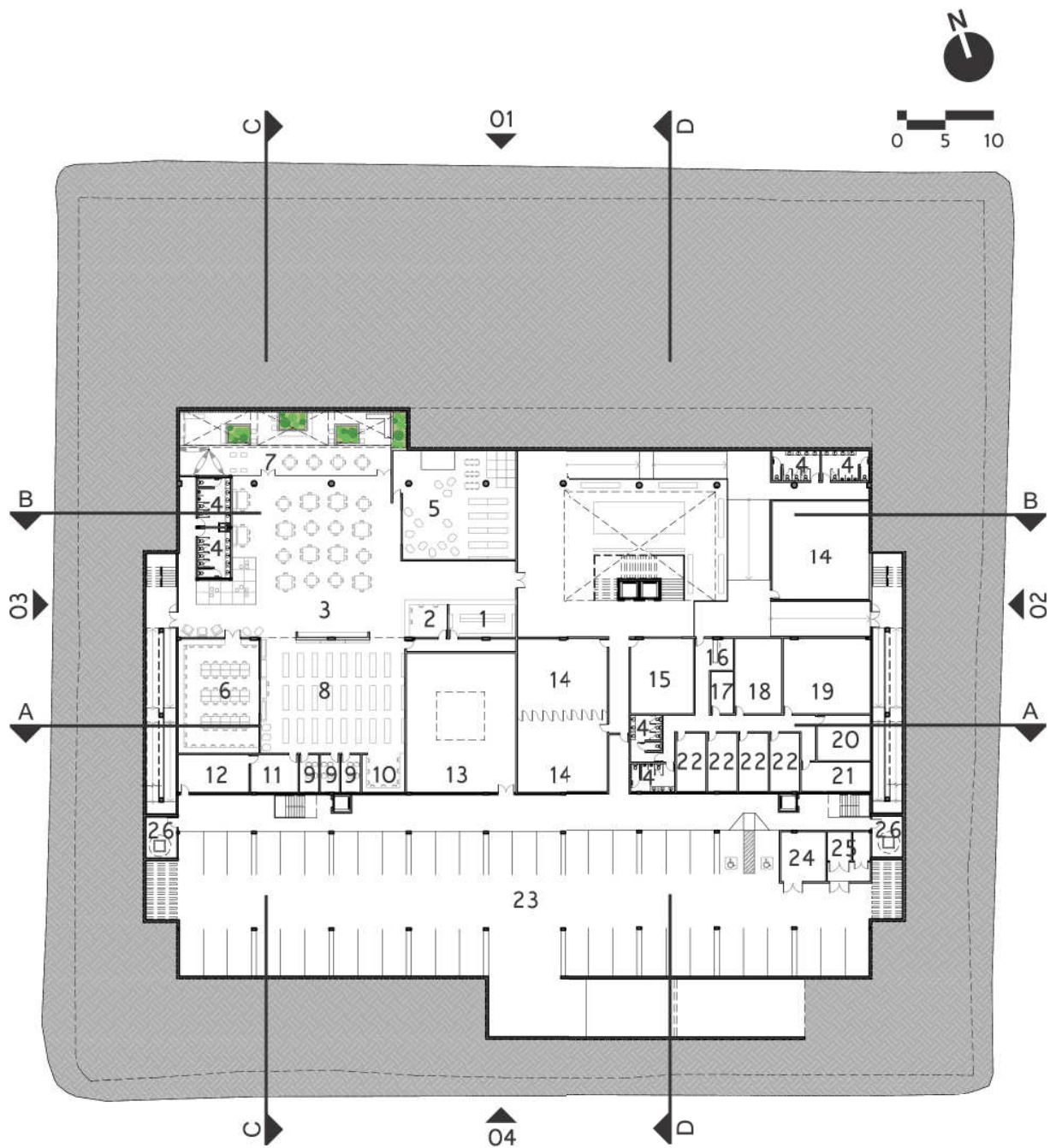


O bloco de serviços contempla quase todas as áreas de serviço do edifício, abrigando as áreas de suporte geral do centro cultural e as áreas específicas de suporte a cada equipamento individualmente. Ele possui dois grandes corredores em suas bordas, completamente integrados, os quais permitem o transporte de materiais que chegam ao ponto de carga e descarga até o interior dos ambientes de teatros e salas de exposições. No corredor interno, estão localizadas as torres de circulação vertical de serviços, que possibilitam levar aos equipamentos e materiais aos outros pavimentos, bem como funcionam como mais duas rotas de fuga.

### **Subsolo**

No pavimento subsolo, foram priorizadas as atividades que exigiam maior concentração, mais voltadas para a educação. A biblioteca, que, normalmente, é um equipamento que oferece bastante carga à estrutura, foi deixada no subsolo. Essa decisão também teve um aparato do ponto de vista do fluxo das pessoas. Hoje, no CCBNB atual, a biblioteca é o lugar mais procurado e com uma grande frequência diária. Assim, mesmo que ele se localize no subsolo, os frequentadores vão se encaminhar até lá para ir à biblioteca. Isso os obriga a fazer um percurso que passa pelo meio do centro cultural e instiga a participar de outras atividades. O subsolo, portanto, vai ser sempre um lugar habitado e bem frequentado.

A biblioteca se divide em diversos ambientes internos, setorizando os usos dentro dela. Logo na entrada, há o guarda-volumes e o controle, onde é possível alugar livros, pedir informações, etc. Chega-se, então, a um grande salão de leitura, onde temos o espaço de estudo de grupos e o espaço de leitura informal (dotado de um futon e algumas poltronas). A partir desse salão, é possível ter acesso ao jardim (mais um espaço de leitura informal, mas também onde pode haver leitura de peças, discussões de livros, encontros, etc.), à sala de estudos



**LEGENDA**

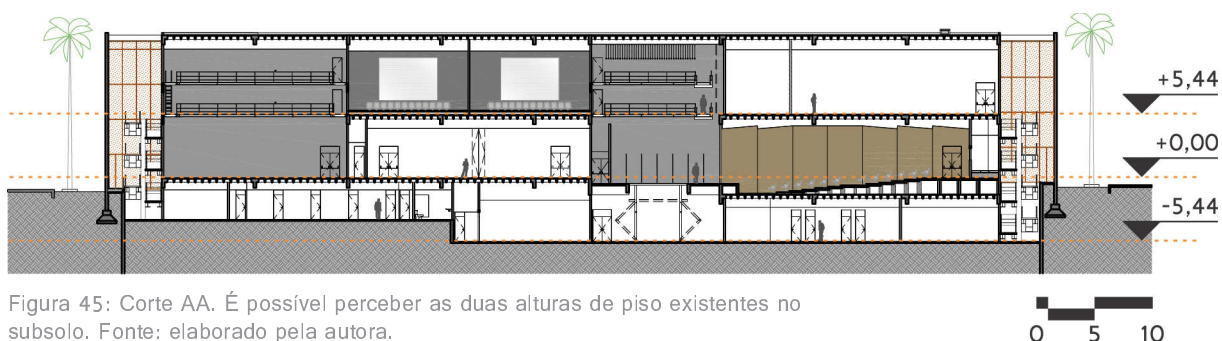
- |                     |                       |                           |
|---------------------|-----------------------|---------------------------|
| 1 Guarda-volumes    | 10 Computadores       | 19 Salão de trabalho      |
| 2 Controle          | 11 Sala Bibliotecária | 20 Secretaria executiva   |
| 3 Espaço de leitura | 12 Depósito           | 21 Diretor-chefe          |
| 4 WC                | 13 Fosso palco        | 22 Sala diretores         |
| 5 Brinquedoteca     | 14 Sala oficina       | 23 Estacionamento         |
| 6 Estudo Individual | 15 Sala bolsa-arte    | 24 Gerador                |
| 7 Jardim            | 16 Recepção           | 25 Subestação             |
| 8 Acervo livros     | 17 Copa               | 26 Casa da bomba/cisterna |
| 9 Sala vídeo        | 18 Reuniões           |                           |

Figura 44: Planta baixa subsolo.  
Fonte: elaborado pela autora.

individuais e à brinquedoteca (espaço destinado às crianças, contendo acervo de livros infantis, palco para contação de histórias e encenação, mesas de grupo). A brinquedoteca e a sala de estudos individuais foram pensadas como ambientes isolados. A primeira produz muito ruído para os outros ambientes, o que atrapalharia o desenvolvimento de outras atividades ou limitaria a programação para as crianças; a última, por sua vez, necessita de um espaço de extrema concentração e silêncio, e a biblioteca do CCBNB pretende ser um espaço mais movimentado, sem privilegiar o silêncio absoluto, mas sim a troca de conhecimento.

Dividindo o salão de leitura com o acervo de livros, temos o espaço destinado ao acervo de periódicos, a sessão mais frequentada no CCBNB, que também abriga o acervo audiovisual. O acervo de livros, por sua vez, não é um ambiente completamente isolado, mas foi disposto num lugar mais reservado. Ele possui espaço disponível para aproximadamente 11340 volumes. Conectados a ele estão as salas de vídeo, para consulta em arquivo audiovisual, e o espaço de computadores, para pesquisa online. Ao fundo, localizam-se a sala da bibliotecária e o depósito da biblioteca, que possui um acesso direto ao corredor de serviço e se localiza próximo ao elevador, facilitando o transporte de volumes, do térreo, onde serão recebidos, para o subsolo.

Junto à biblioteca, nesse pavimento, foram locadas: as salas de oficinas, de uso mais específico e que são voltadas para programas de extensão educacional; a sala do bolsa-arte, que pode (e deve) ter visibilidade pelo público, mas precisa manter uma certa concentração para desenvolver estudos; e a administração do CCBNB, que possui uso mais restrito dos funcionários e, portanto, não precisa estar localizada em lugares onde tiver grande fluxo de pessoas. Um estacionamento, exclusivo pra funcionários, foi criado nesse pavimento, logo atrás do corredor de serviços interno.

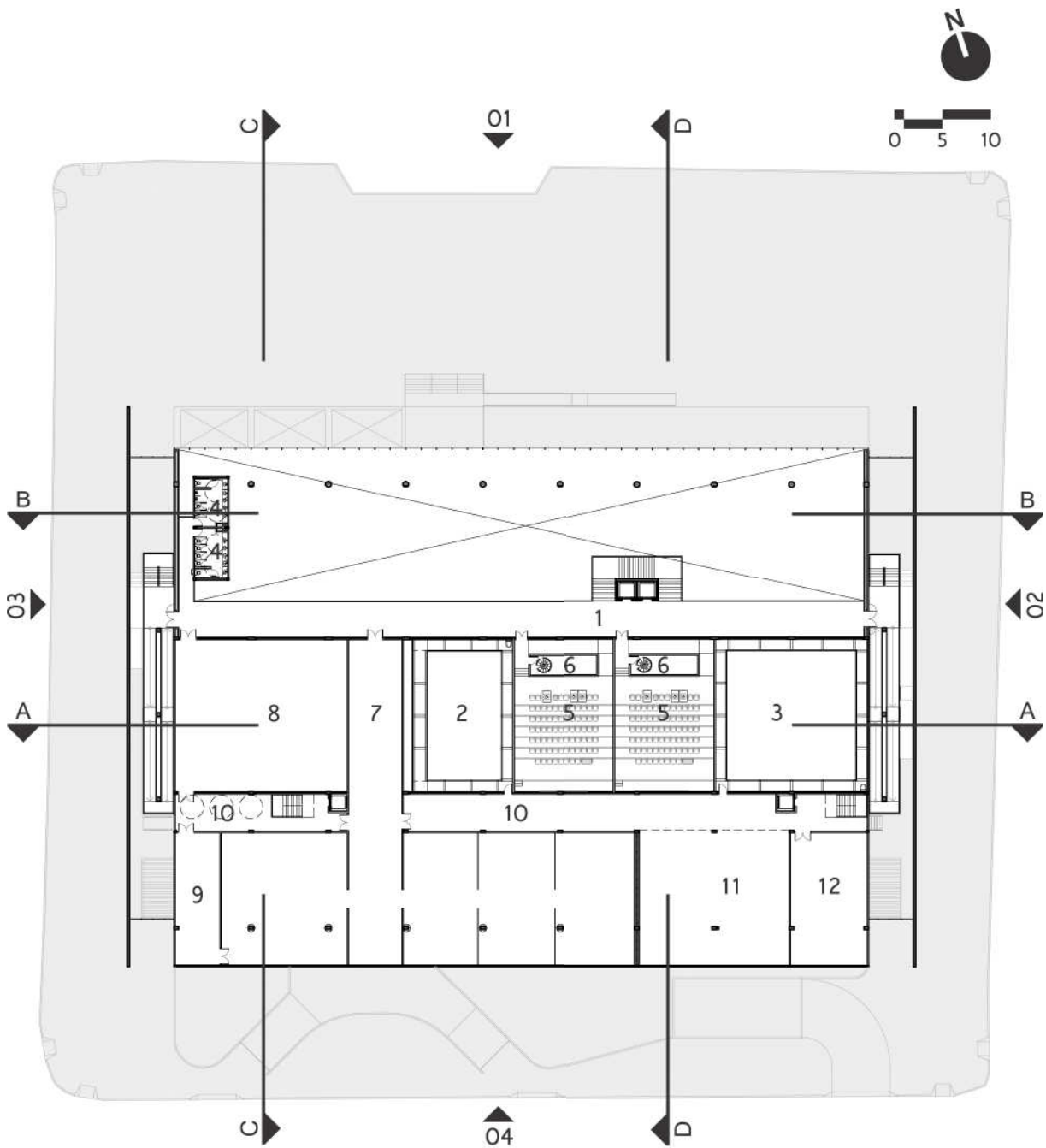


Uma vez sendo necessário um pé direito alto entre esse pavimento e o térreo, fruto da necessidade de se ter uma altura de forro confortável e proporcional na biblioteca, alguns ambientes sofreram um ônus de ter muito espaço sobrando acima do forro. De forma a minimizar esse problema, a administração e uma das salas de oficina, por sua vez, estão locadas num piso intermediário, já que as atividades exercidas nesses ambientes não requeriam um pé direito muito alto.

### Primeiro pavimento

No pavimento superior, por sua vez, foram distribuídas atividades onde não era necessário o transporte de materiais e equipamentos. Esse pavimento, então, abriga as salas de cine-clube, a sala de exposição multimídia, ambos com tecnologia de computador, que dispensam o deslocamento constante de material; e a sala de exposição permanente, que possui um depósito próprio, próximo a umas das torres de circulação vertical de serviço, de forma a evitar o deslocamento de materiais para o térreo.





### LEGENDA

- 1 Circulação social
- 2 Urdimento teatro
- 3 Urdimento teatro black box
- 4 WC
- 5 Cineclube
- 6 Sala de projeção
- 7 Exposição permanente
- 8 Exposição multimídia
- 9 Depósito
- 10 Circulação serviço
- 11 Central de água gelada
- 12 Torres de resfriamento

Figura 47: Planta baixa primeiro pavimento.  
Fonte: elaborado pela autora.

Além desses equipamentos, foram dispostas nesse pavimento as áreas resguardadas dos urdimentos dos dois teatros e a área destinada às máquinas de ar condicionado e caixas d'água, as quais também possuem acesso pela caixa de circulação vertical existente no corredor interno de serviços.

### **Coberta**

A cobertura do Centro Cultural foi pensada em sistema de laje impermeabilizada. Devido à inclinação necessária para a instalação de telhas, bem como a estrutura necessária para sustentá-las, a platibanda que encerra o volume ficaria desproporcional à fachada. A solução de laje impermeabilizada, então, se mostrou mais conveniente.

As inclinações das lajes foram idealizadas para que haja um escoamento junto aos pilares da estrutura. As águas pluviais devem ser captadas e armazenadas nas cisternas disponíveis no subsolo. Estas, por sua vez, não são destinadas à reserva de água limpa (já que o volume total de água necessário ao equipamento é baixo e pode ser disposto somente em caixas d'água), mas sim à água que será reutilizada.

### **Paisagismo**

Uma vez projetando um espaço de praça, numa parte do terreno, o paisagismo foi pensado. Trabalhou-se com espécies nativas, mais recorrentes no Nordeste, como o Ipê e a Carnaúba. Além disso, intercalou-se grama com mini-seixo rolado branco, de forma a configurar um ambiente mais árido, característico do Nordeste. Além disso, houve a preservação da visibilidade da fachada principal do edifício, de forma a estabelecer uma relação entre ele e a cidade. Propomos a inserção da escultura de Sérvulo Esmeraldo, existente na antiga sede do CCBNB (Edifício Raul Barbosa), de forma a manter uma identidade já construída ao longo do tempo.

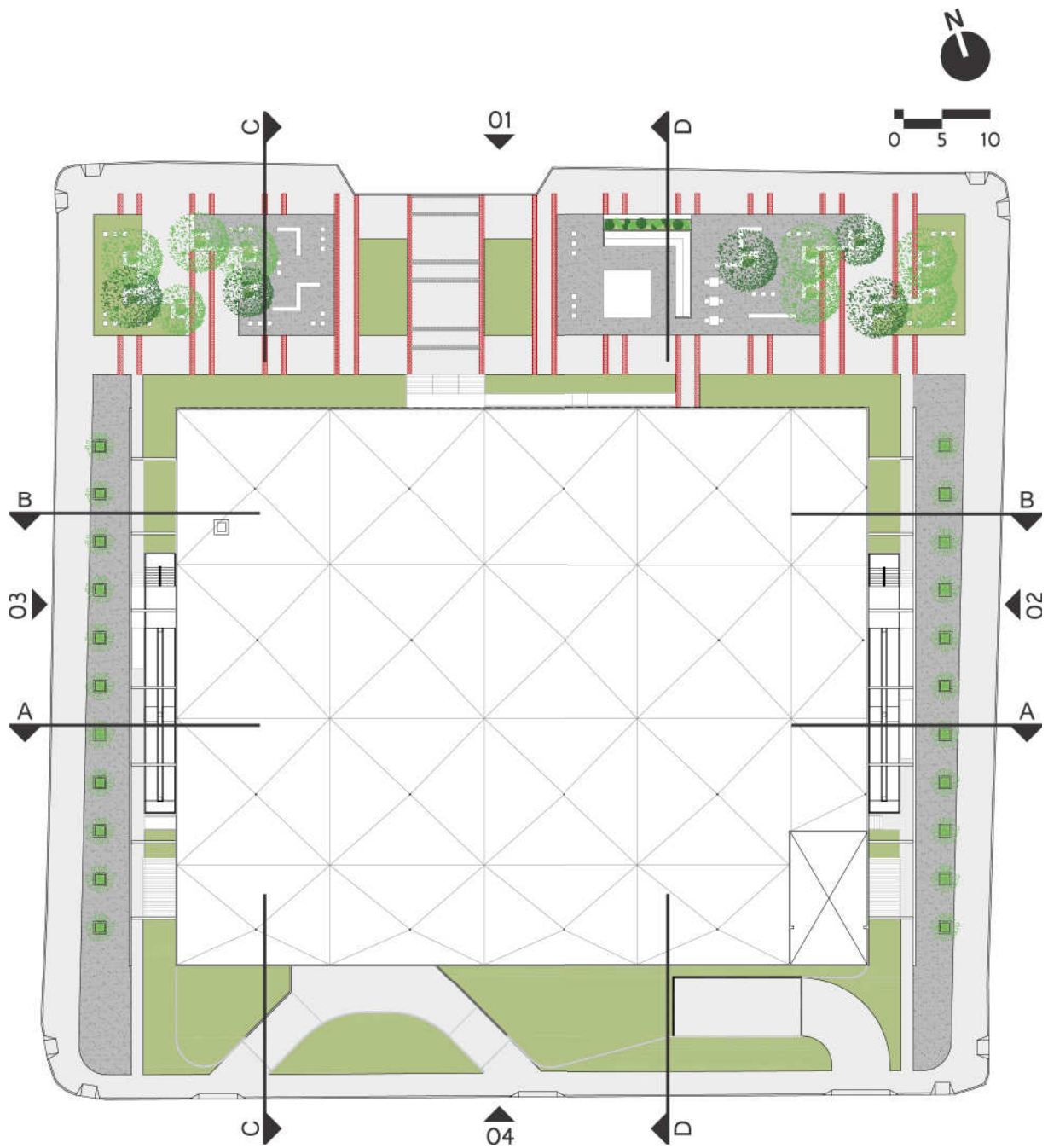


Figura 48: Planta de cobertura, mostrando o caimento das águas nos pilares da edificação. É possível perceber também o paisagismo proposto para a praça. Fonte: elaborado pela autora.

## Conforto

Retomando a ideia já exposta, um centro cultural é uma reunião de equipamentos culturais que se relacionam e que coexistem num espaço comum. As atividades desenvolvidas no interior desses equipamentos exigem espaços estanques, sem contato com o exterior. Essa necessidade se dá por alguns fatores, são eles: manter o ambiente ideal para a conservação adequada das obras de arte; manter o ambiente controlado para a apreciação do material exposto; manter ambiente adequado à concentração do artista e do público no que está sendo apresentado. Além disso, um dos principais pontos do partido é provocar a descoberta do CCBNB pelas pessoas, não expor as obras à rua, mas convidá-las a entrar e conferir.

Verificou-se, então, que a solução mais adequada para o edifício proposto seria adotar um sistema de conforto térmico artificial, ou seja, ar-condicionado. Em alguns pontos, entretanto, fez-se conveniente e oportuna a adoção da ventilação natural. Ambientes como o estacionamento do subsolo, o jardim da biblioteca e, de forma quase total, o bloco de serviços (excetuando-se as áreas de camarins, reserva técnica e laboratório de restauro), não foram climatizados. Este último, por sua vez, localizado na fachada que recebe a ventilação predominante, é bastante arejado, já que o muro que limita a edificação é todo em cobogós, permitindo que o vento passe sem qualquer obstáculo.

A bateria de banheiros presentes no miolo do edifício também apresenta uma solução quanto à exaustão natural do ar. Foi feito um poço de ventilação, que interliga todos os pavimentos, com um lanternim na cobertura. O ar quente presente no ambiente, sendo mais leve, sobe, deslocando as massas de ar circundante, que possuem temperatura mais baixa, e que, por sua vez, são “puxadas” para dentro, gerando um ciclo contínuo de renovação de ar. Esse fenômeno é chamado efeito chaminé.



Quanto à iluminação natural, tem-se que se destacar dois pontos: o posicionamento do edifício em relação aos pontos cardeais e as áreas internas: as iluminadas e as escuras. O edifício está posicionado no terreno de forma que as fachadas Norte e Sul são as que possuem as aberturas para o exterior, ambas protegidas por marquises de quatro metros de comprimento. As fachadas Leste e Oeste, que são as que recebem sol mais diretamente, possuem somente saídas de serviço e de emergência. Na fachada Sul, fez-se o uso de janelas em alumínio e vidro, de forma a iluminar os ambientes do bloco de serviços. Na fachada Norte foi utilizada uma pele de vidro, com área total de 700m<sup>2</sup>. Embora protegida pela marquise, essa fachada ainda permite uma entrada de luz bastante considerável. De forma a prezar pelo uso racional do material, pelo conforto do usuário e pela economia de energia das máquinas de ar-condicionado, optamos por utilizar um vidro especial chamado vidro low-e (Figura 50).

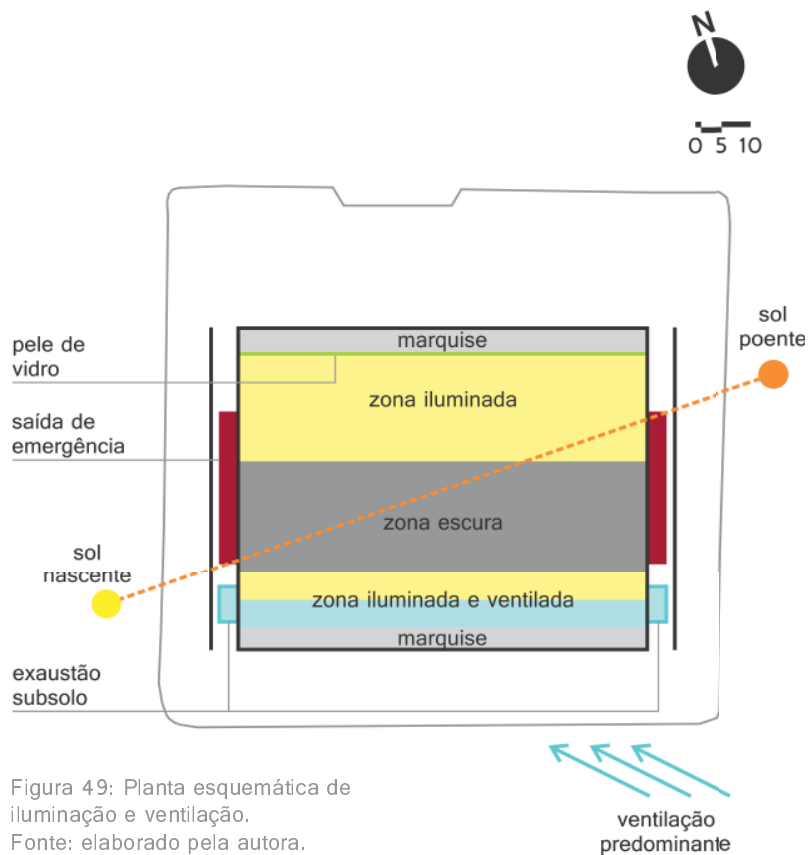




Figura 50: Vidro low-e aplicado em uma fachada de vidro.  
Fonte: <[www.setorvidreiro.com.br](http://www.setorvidreiro.com.br)>. Acesso em 31 jul. 2013.

Esse vidro possui grande transparência (uma das premissas do partido), mas também possui baixa emissividade, permitindo a entrada de luz, mas conduzindo pouco calor para o interior.

Para proteger ainda mais essa fachada da entrada de luz excessiva, optamos por serigrafar o vidro, a partir da segunda linha de esquadrias, de forma a minimizar a entrada de luz, mas preservar a visibilidade total do observador, tornando o vidro completamente transparente na sua altura.

No subsolo, através do jardim criado, foi possível o aproveitamento de luz natural em algumas zonas da biblioteca. Esse jardim possui entrada de luz direta. A sua comunicação com o interior é feita através de janelas de alumínio e vidro, resguardadas por uma marquise. Assim, torna-se possível a entrada de luz indireta para a zona dos estudos em grupos (Figura 51).

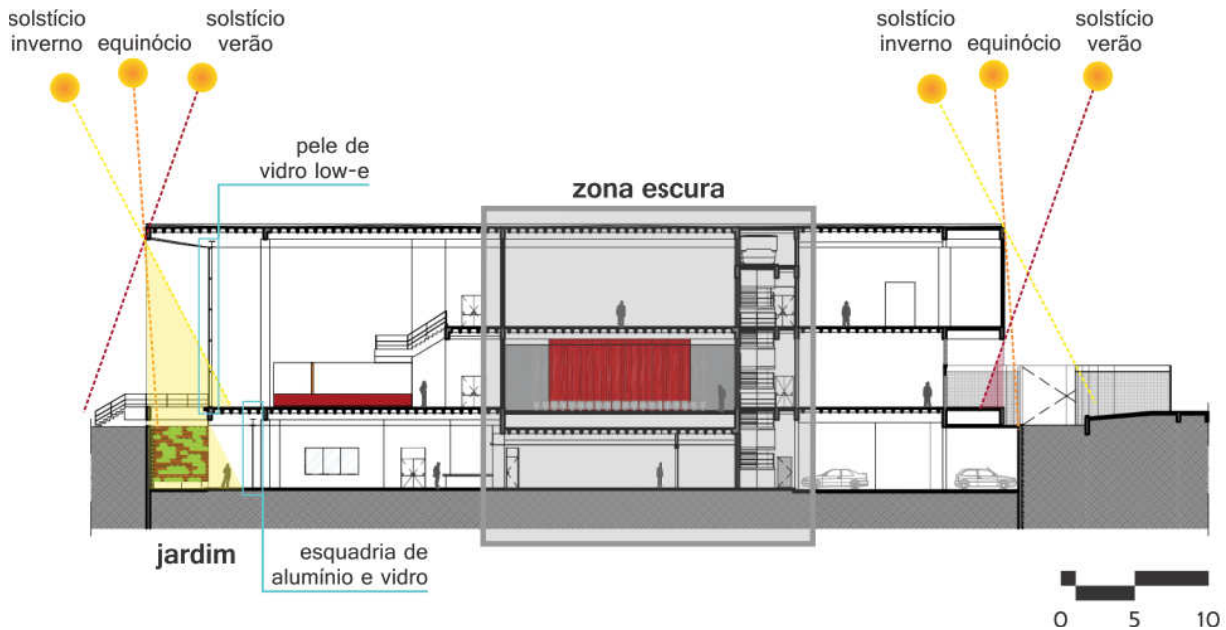


Figura 51: Corte CC: marquises, localização dos vidros, zona escura e zonas iluminadas.  
 Fonte: elaborado pela autora.

### Sistema estrutural

Os equipamentos presentes no centro cultural são as áreas mais importantes do projeto. É neles em que a programação do centro se desenvolve; é neles que a vida cultural acontece. Uma vez que esses ambientes possuem exigências muito específicas para seu funcionamento adequado e são os espaços mais importantes do projeto como um todo, a estrutura foi lançada privilegiando-os. Teatros, cinemas, salas de exposição são ambientes que necessitam de grandes vãos livres, pés-direitos altos e possuem grande circulação de pessoas e equipamentos (gerando uma grande carga sobre a estrutura), mas também necessitam de espaços estanques e com boa acústica. De forma a contemplar essas especificidades, optou-se por utilizar a estrutura em concreto, com laje nervurada e sistemas de pilares e vigas (protendidas, em alguns lugares). Em lajes menores, foi utilizada a laje maciça, uma vez que a utilização da laje nervurada não se mostra vantajosa nesses casos.

**LEGENDA**

- Viga transversal em concreto armado
- Viga longitudinal em concreto armado
- Viga longitudinal em concreto protendido
- Laje nervurada
- Laje maciça

**LEGENDA**

- V1 60X25cm
- V2 80X25cm
- V3 40X25cm
- V4 100X25cm
- V5 60X25cm
- V6 80X25cm
- V7 50X25cm
- V8 35X25cm
- V9 40X25cm
- V10 120X25cm
- L1 h=35cm
- L2 h=31cm

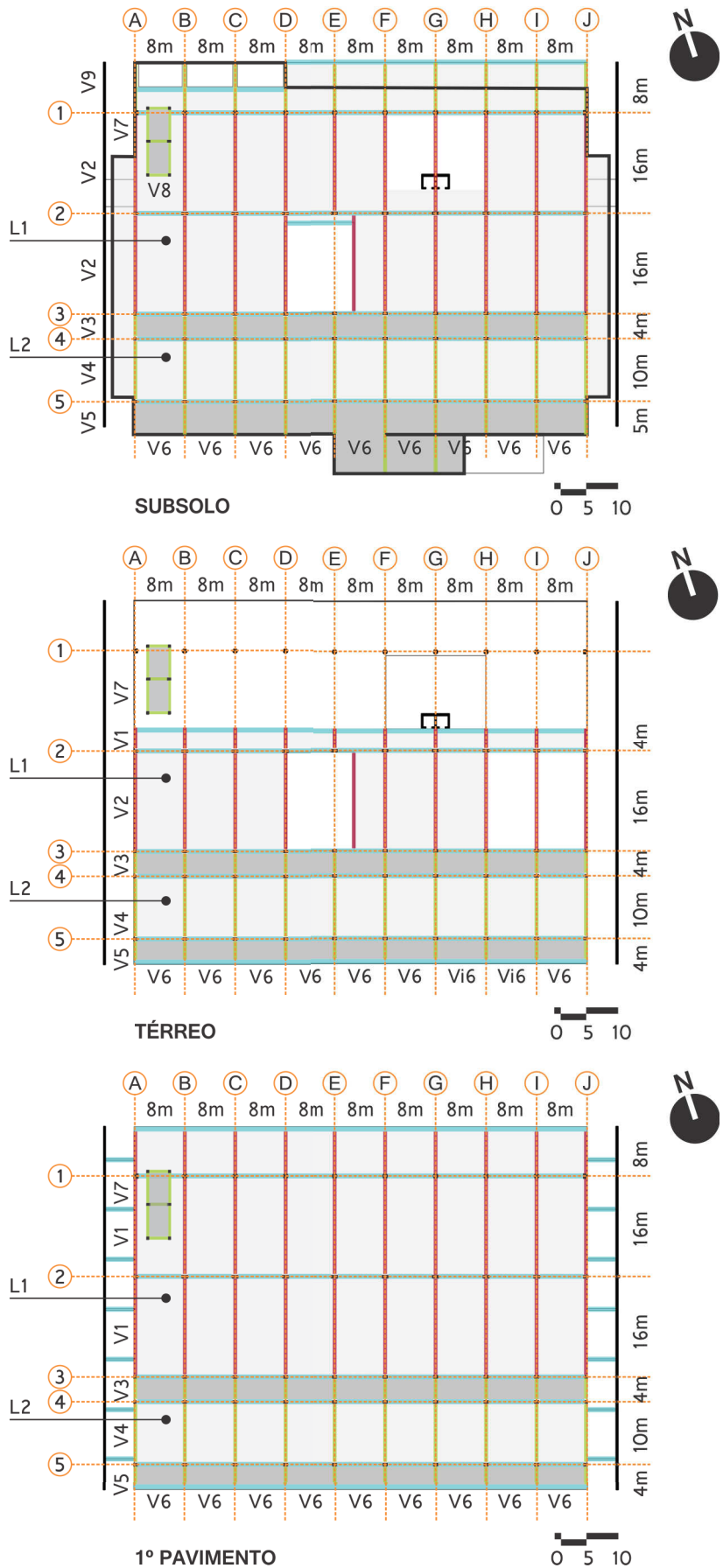


Figura 52: Esquemas mostrando o sistema estrutural referentes às lajes dos pavimentos.  
Fonte: elaborado pela autora.

Houve a necessidade de se empregar a utilização de estrutura metálica em lugares específicos, como a estrutura de passarelas técnicas dos urdimentos dos teatros e a estrutura de sustentação dos vidros (da fachada principal e da biblioteca). No primeiro caso, a estrutura metálica se fez mais interessante, já que pode ser facilmente desmontável e pela dificuldade de concretagem que criaríamos em alguns pontos. No segundo caso, a utilização da viga metálica foi mais oportuna, uma vez que conseguimos ter uma viga de menor altura e mais fácil montagem.

As circulações laterais externas foram idealizadas com estrutura independente da estrutura do edifício. As rampas são constituídas por uma laje de concreto apoiada sobre vigas metálicas que se suportam em pilares de concreto. Já a escada é toda em concreto armado e se apoia nas vigas existentes em cada pavimento.

## PERSPECTIVAS

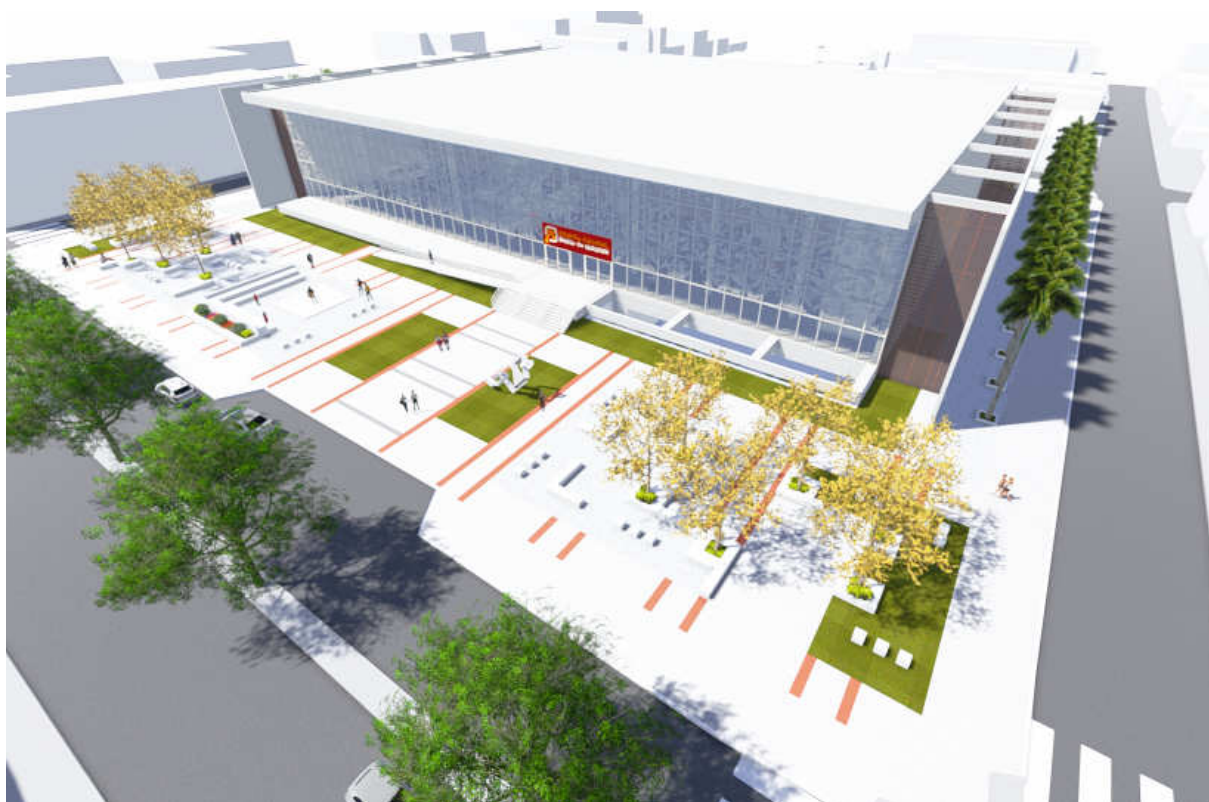


Figura 53: Perspectiva aérea.



Figura 54: Perspectiva da Av. Duque de Caxias.

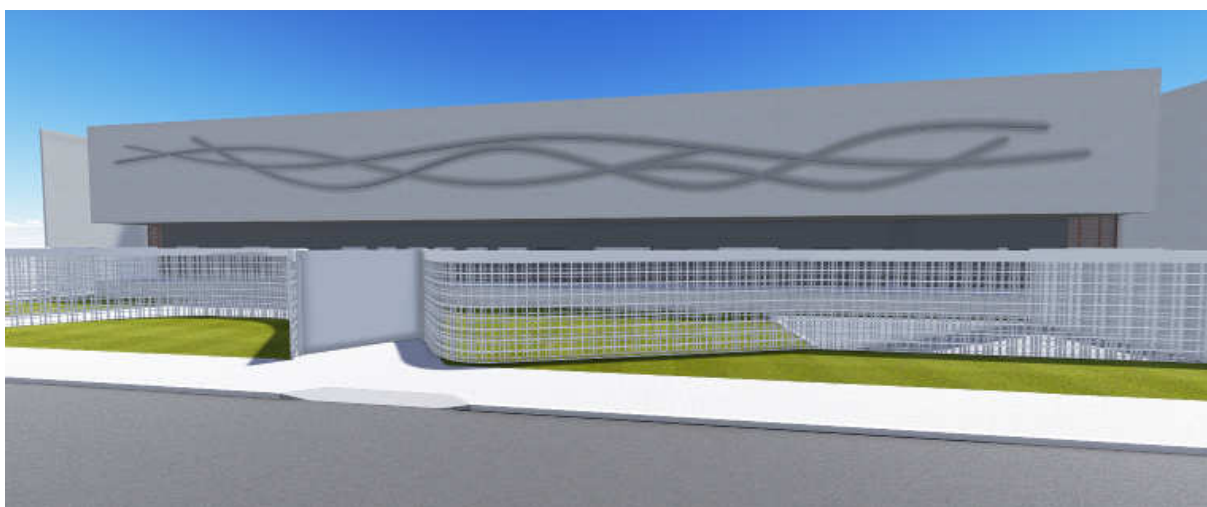


Figura 55: Perspectiva da Rua Clarindo de Queiroz.



Figura 56: Perspectiva do cruzamento Rua Assunção e Av. Duque de Caxias.



Figura 57: Perspectiva do cruzamento Rua Solón Pinheiro e Rua Clarindo de Queiroz.



Figura 58: Perspectiva da praça, a partir da Av. Duque de Caxias.



Figura 59: Perspectiva da praça, a partir da Av. Duque de Caxias.

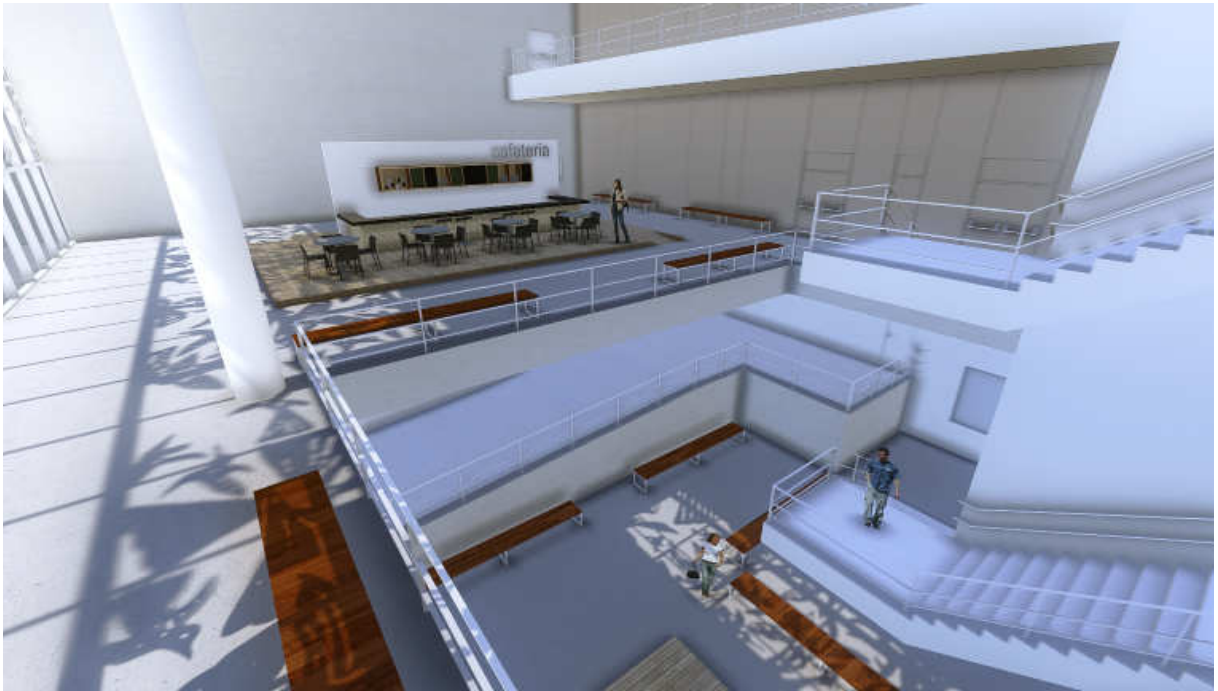


Figura 60: Espaço interno: conexão entre os três pavimentos.

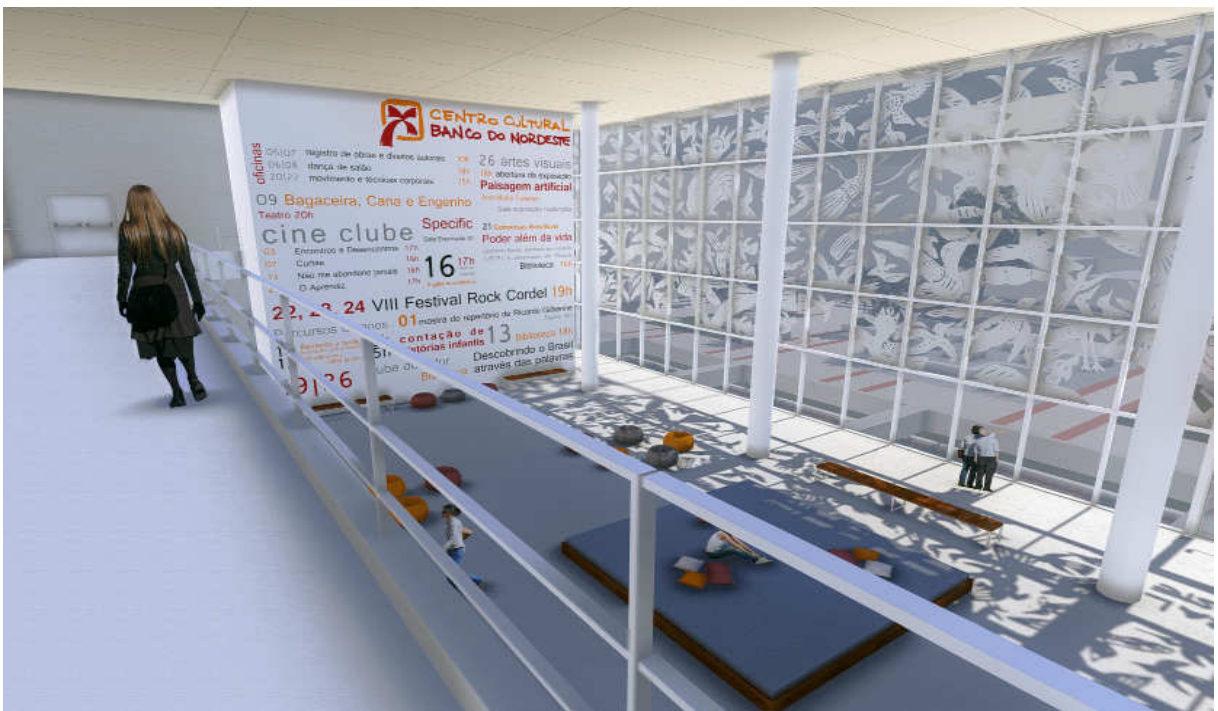


Figura 61: Espaço interno, vista área de estar.



## considerações finais

Quando falamos de cultura, estamos nos referindo a um conceito muito mais amplo do que elementos intangíveis (apetidos, crenças, hábitos) imbricados em uma determinada sociedade, que dão identidade a ela. Estamos nos referindo a um elemento transformador: social e economicamente.

Uma vez que a produção do espaço é também um produto humano e reflexo das influências políticas e econômicas, podemos perceber que a cultura interfere drasticamente nesse processo de ação-transformação sobre o espaço — na escala arquitetônica e na escala urbana. Podemos concluir, então, que a cultura também pode ser considerada um elemento de desenvolvimento e regeneração urbana.

A exemplo do que ocorreu, nos últimos quarenta anos na Brasil e no exterior, com a implantação de equipamentos culturais em áreas urbanas degradadas, visando a sua reconstituição, nasce a nova proposição arquitetônica para o CCBNB. Partimos de uma instituição já existente, com intenções, conceitos, objetivos e ideologias já construídos, com uma atuação significativa no cenário local, mas que possui um espaço físico que não é capaz de conter o seu potencial. As dificuldades enfrentadas pela instituição colocavam uma questão: a necessidade de uma sede que comportasse a dimensão do que o CCBNB se propõe e que tivesse um potencial polarizador maior, a ponto de provocar mudanças no cenário urbano da região.

Chegou-se a uma proposta arquitetônica para a instituição, de maneira a contemplar os espaços demandados pela necessidade do CCBNB, obedecendo à lógica dos ambientes existentes hoje e acrescentando espaços e equipamentos que agre-

gassem valor à vida do centro cultural, bem como desse suporte técnico às atividades desenvolvidas. Os objetivos “subjetivos” de provocar a curiosidade dos frequentadores, fazer um espaço de conhecimento e fomentação, provocativo e instigador foram atingidos, na medida em que se trabalhou o espaço para a efervescência, descoberta e inter-relação. Além disso, o uso de algumas estratégias fez com que a inserção desse equipamento no contexto urbano em que se insere possa ter impactos transformadores, como: ceder um espaço verde à cidade, capaz de ter relação com os demais espaços verdes do bairro; provocar outros tipos de deslocamento para o equipamento, não estimulando o uso de carro, mas sim incentivando a circulação de pessoas no entorno; a intensa relação interior-exterior do edifício, responsável por atrair pessoas e formar um novo público. Tudo isso nos faz crer que o objetivo final do trabalho foi atingido: desenvolver um espaço que contenha o CCBNB em todas as suas nuances.

O principal ganho dessa trajetória foi o aprendizado em lidar com questões técnicas, normativas e subjetivas ao mesmo tempo, de forma a conciliá-las em prol de resultar num espaço tecnicamente adequado, seguro e provocativo. Cada ambiente proposto tinha as suas especificidades e a sua função dentro do equipamento, o que nos fez estudar isoladamente caso a caso para realizar o todo.

Destaca-se, portanto, a necessidade de reconhecer o imenso potencial de transformação da cultura na cidade, investindo-se em projetos que tenham rebatimentos positivos social e espacialmente. É importante mencionar a necessidade de manutenção desses equipamentos, de forma a manter uma programação agitada e inovadora e um espaço físico em bom estado, que comporte as atividades de forma satisfatória. Sem esses esforços em tornar a vida interna efervescente, não há possibilidades de uma estrutura construída resistir sozinha.

# referências

ARANTES, Otilia. **O lugar da arquitetura depois dos tempos modernos**. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 9077**: saídas de emergência em edifícios. Rio de Janeiro, 2011.

BRANT, Leonardo. **Faces da cultura: Desenvolvimento social e investimento cultural privado**. Disponível em: <<http://www.fundata.org.br/Artigos%20-%20Cefeis/15%20-%20FACES%20DA%20CULTURA.pdf>>. Acesso em: 27 mar. 2013.

CENTRO CULTURAL BANCO DO NORDESTE, **10 anos Centro Cultural banco do Nordeste: a cultura como elemento de integração para o desenvolvimento e de formação para a cidadania**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2010.

COELHO, Teixeira. As cidades e os avatares da cultura. In: COELHO, Teixeira (org.). **A cultura pela cidade**. São Paulo: Ed. Iluminuras, 2008, p. 63-70.

DAVIES, Rita. A cultura é o futuro das cidades. In: COELHO, Teixeira. **A cultura pela cidade**. São Paulo: Ed. Iluminuras, 2008, p. 71-86.

EDUARDO, Agnaldo Adélio; CASTELNOU, Manuel Nunes. **Bases para os projetos de centros de cultura e arte**. Disponível em: <[http://web.unifil.br/docs/revista\\_eletronica/terra\\_cultura/n45/terra\\_10.pdf](http://web.unifil.br/docs/revista_eletronica/terra_cultura/n45/terra_10.pdf)>. Acesso em: 18 fev. 2013.

FERREIRA, Claudino. **Cultura e Regeneração Urbana: novas e velhas agendas da política cultural para as cidades**. Disponível em: <<http://www.seer.ufs.br/index.php/tomo/article/view/518/434>>. Acesso em: 04 abr. 2013.

HEINRICH, Bettina. Mudando cidades: um novo papel para a política cultural urbana. In: COELHO, Teixeira. **A cultura pela cidade**. São Paulo: Ed. Iluminuras, 2008, p. 87-101.

LANFRANCHI, Gustavo. **A evolução do espaço cênico através dos tempos**. Disponível em: <<http://gslanfranchi.com.br/site/wp-content/uploads/2013/03/evolucao-do-espaco-cenico.pdf>>. Acesso em: 30 jul. 2013.

LITTLEFIELD, David. **Manual do arquiteto: planejamento, dimensionamento e projeto**. 3. ed. [Porto Alegre]: Bookman, 2011.

MENEZES, Carmen Paula de Vasconcelos. O financiamento da cultura: o caso do Banco do Nordeste. [S.l.: s.n.], [20--].

MILANESI, Luís, **A casa da invenção**. 4. ed., Cotia: Ateliê Editorial, 2003.

MONTENEGRO, Nadja; SANTIAGO, Zilsa; SOUSA, Valdemice. **Guia de acessibilidade: espaço público e edificações**. Disponível em: <[http://www.maragabril.com.br/files/GUIA\\_DE\\_ACESSIBILIDADE\\_CEARA.pdf](http://www.maragabril.com.br/files/GUIA_DE_ACESSIBILIDADE_CEARA.pdf)>. Acesso em: 20 maio 2013.

NILO, Fausto. O desenvolvimento urbano e a preservação de prédios históricos. **Jornal O Povo**, Fortaleza, 13 abr. 2013. Cotidiano. Disponível em: <<http://www.opovo.com.br/app/opovo/cotidiano/2013/04/13/noticiasjornalcotidiano,3038083/o-desenvolvimento-urbano-e-a-preservacao-de-predios-historicos.shtml>>. Acesso em: 21 jun. 2013.

QUEIRÓS, João. **O lugar da cultura nas políticas de reabilitação de centros urbanos: apontamentos a partir do caso do Porto**. In: First International Conference of Young Urban Researches, 1., 2007, Lisboa. **Anais...** Lisboa: ISCTE, 2007. Disponível em: <[http://www.isociologia.pt/App\\_Files/Documents/working17\\_101019094405.pdf](http://www.isociologia.pt/App_Files/Documents/working17_101019094405.pdf)>. Acesso em: 04 abr. 2013.

RAMOS, Luciene. **Centro cultural: território privilegiado da ação cultural e informacional na sociedade contemporânea**. In: Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 3., 2007, Salvador. **Anais...** Salvador: UFBA, 2007. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2007/LucieneBorgesRamos.pdf>>. Acesso em: 16 fev. 2013.

SANTIAGO, Alan. De portas (re)abertas. **Jornal O Povo**, Fortaleza, 21 set. 2013. Vida e Arte. Disponível em: <<http://www.opovo.com.br/app/opovo/vidaearte/2013/09/21/noticiasjornalvidaearte,3133245/de-portas-re-abertas.shtml>>. Acesso em 25 set. 2013.

SERAPIÃO, Fernando. **Centro cultural de São Paulo: espaço e vida**. 1. ed. São Paulo: Monolito, 2012.

VALLE, Sandra Nunes do. **Cultura e regeneração urbana: usos e atividades artísticas em zonas urbanas degradadas**. 2008. 129f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Instituto Superior Técnico,

Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2008. Disponível em: <https://dspace.ist.utl.pt/bitstream/2295/236770/1/Dissertacao.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2013.

VARGAS, Heliana; CASTILHO, Ana Luisa (Org.). **Intervenções em Centros Urbanos: objetivos, estratégias e resultados**. In: VARGAS, Heliana; CASTILHO, Ana Luisa (Org.). *Intervenções em Centros Urbanos: objetivos, estratégias e resultados*. Barueri: Ed. Manole, 2006, p.01-48.

VAZ, Lilian; SILVEIRA, Carmen. **A Lapa boêmia na cidade do Rio de Janeiro: um processo de regeneração cultural? Projetos, intervenções e dinâmicas do lugar**. In: VARGAS, Heliana; CASTILHO, Ana Luisa (Org.). *Intervenções em Centros Urbanos: objetivos, estratégias e resultados*. Barueri: Ed. Manole, 2006, p.67-97.



